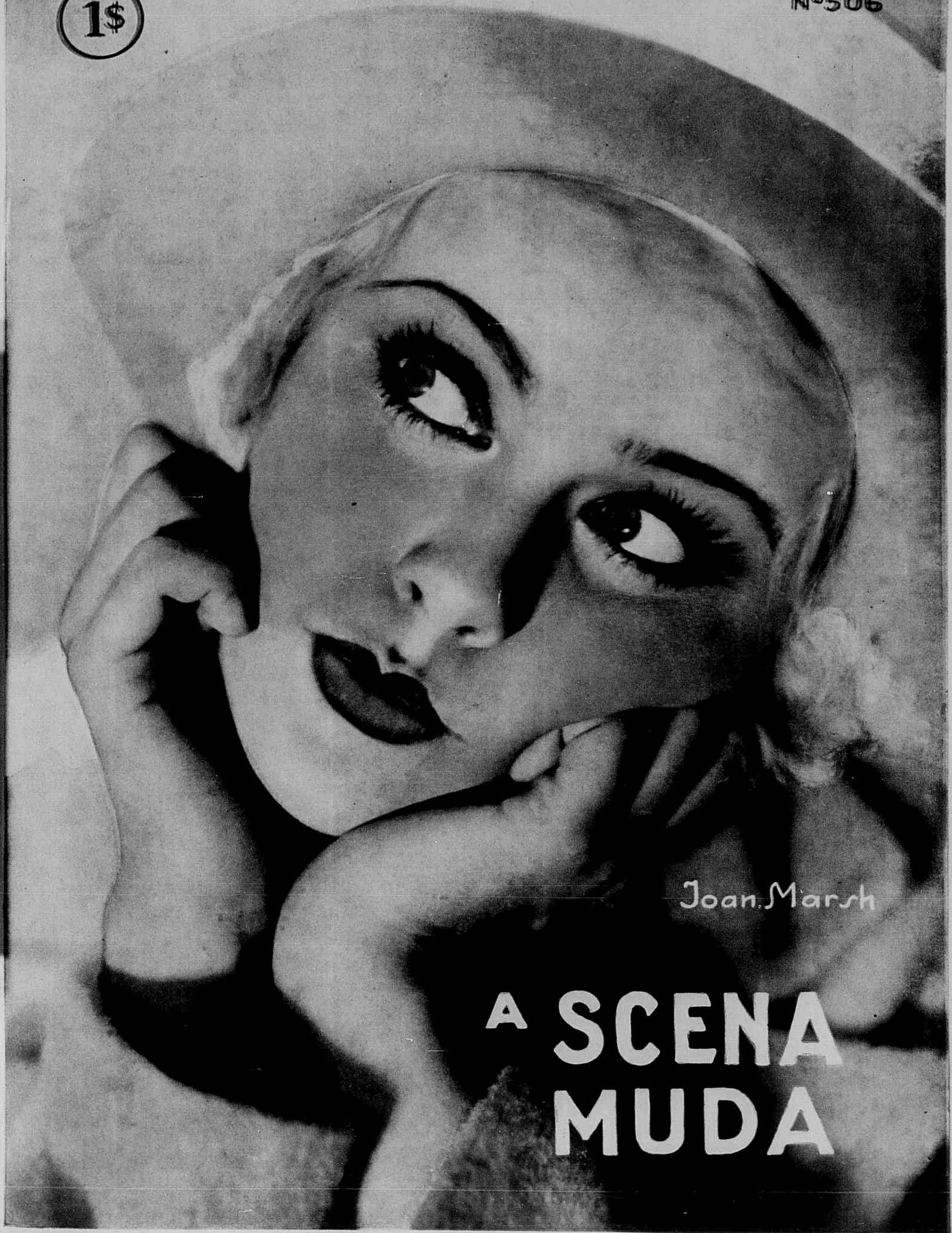
1$

Nº506



A SCENA MUDA

EU SEI TUDO

A MAIS LUXUOSA, A MAIS MINUCIOSA
:: :: :: E A MAIS PERFEITA :: :: ::

Revista das Revistas

NA

AMERICA DO SUL

Acompanhando attentamente todas as publicações do paiz e do estrangeiro, dá conta de todas as novidades em Sciencias, Artes, Mecanica, Theatro, Cinematographo, : : Philatelia, Sports, Viagens etc. : :

PUBLICA EM TODOS OS NUMEROS:

Tres romances, uma Comedia, Contos, Chromos, Anecdotas, Grammatica Litteraria, Paginas de Arte, Informações e conselhos sobre Economia Domestica etc.

LER

EU SEI TUDO

E' TER MENSALMENTE UM RESUMO DAS MELHORES

REVISTAS DO MUNDO

GRATUITAMENTE

1.000 Victrolas marca franceza-Modelo 1930

EMYPHONE

Grande concurso — Dadas a titulo de propaganda ás primeiras mil pessoas que responderem ás perguntas abaixo submettendo-se ás nossas condições. E' preciso completar as palavras abaixo:

POBRE COMO

RICO COMO

FELIZ COMO

Enviae com urgencia vossa resposta por carta e juntae um envelope sellado trazendo vosso endereço, a EMYHHONE — Av. Rio Branco, 9 — 3.º andar — salas 378 e 380 — Tel. 3-0950 — Rio de Janeiro.

DOLORES DEL RIO FOI ACCUSADA porseu ex-advogado, Gunter R. Lesing, de ser a causadora da infelicidade conjugal do mesmo, pois aconselhou Mrs. Lessing a que pedisse divorcio. Acrescenta o advogado que a actriz forçou sua esposa a abandonar o lar conjugal, auxiliando-a com dinheiro e roupa para que se mantivesse longe d'elle.

A IMPERMEABILISADORA

Alfaya & Comp.

Impermeabiliza Seda, Velludo, Lã, Algodão e qualquer outro tecido, antes ou depois de ser confeccionados.

RUA DOS ARCOS 13 **Telephone 2 - 4384**

— RIO DE JANEIRO —

As fazendas por nós impermeabilizadas impedem a penetração da agua e da humidade, sem o menor prejuizo para a saúde porque conservam inteiramente a porosidade primitiva, permittindo o arejamento e a transpiração, podendo ser lavadas, dobradas, passadas a ferro, costuradas e sujeitas a qualquer temperatura quente ou fria sem perder a impermeabilização.

Não altera as côres nem prejudica os tecidos, sendo essa impermeabilização tão duravel como a fazenda.

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N. 506 — 38.º DO 10.º ANNO

3 de Dezembro de 1930

Cartomancia 4

Novidades na tela — (Loretta Young e Grant Withers) 5

A moda em Hollywood 8

Monte Carlo — (Agnes Esterhazy e Harry Liedtke) 9

Romance — (GretaGarbo, Lewis Stone, Gavin Gordon, Florence Lake e Mathilde Comont) 11

Braço protector — (Tom Tyler) 16

O monstro marinho — (Raquel Torres, Charles Bickford, Nils Asther, George F. Marion e John Miljan) 23

A melodia do amor — (William Collier Jr., Alice Day, John St. Polis, Johnny Walker, Albert Conti, Tenen Holtz, Lee Kohlmar, Bertram Marburgh e Anton Vaverka) 26

Maurice Chevalier 28

Os que vivem no écran — (Miss Clara Bow 14

Greta Garbo e Gavin Gordon, da *Metro* 15

Ramon Novarro, da *Metro* 18

Jean Arthur, da *Paramount* 19

Jeanette Loff, da *Universal* 22

Musica 32

SAL Simplesmente triturado ou moido não está isento de impurezas.

Prefiram Sal Beneficiado Especial para Culinaria.

PEREIRA CARNEIRO & CIA. LTD.

AVENIDA RIO BRANCO N. 110

RIO DE JANEIRO

LEITE DE BELLEZA ORIENTAL

O SUPREMO EMBELLEZADOR DA PELLE!

NAS

PERFUMARIAS LOPES

RIO-S. PAULO

CASA BAZIN - PERFUMARIA CAZAUX

CARTOMANCIA DESVENDANDO O FUTURO

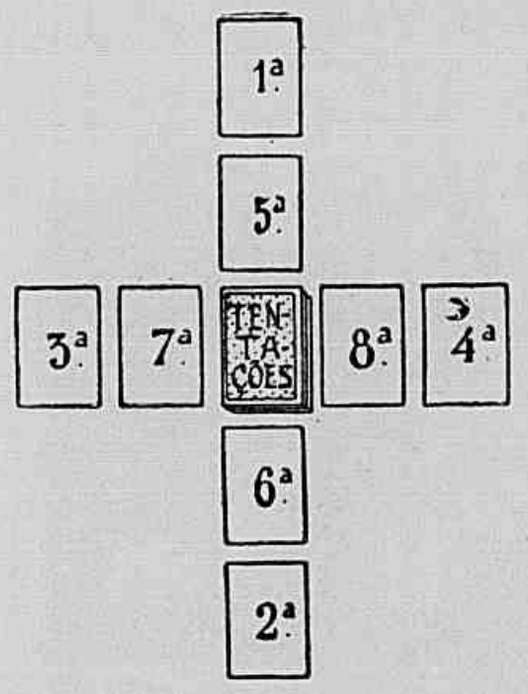
N. 334 — SULAMITA DEL RIO (*Tijuca*) — Um homem da lei, certa noite, terá um constrangimento causado por uma pessoa intermediaria e que a estima em segredo. Vejo correspondencia interceptada e obstaculos a um casamento venturoso que, afinal, será realisado depois com muito gosto. Terá uma indisposição passageira motivada por ciumes infundados. Vejo arrufos, desconfiança e por fim felicidade duradoura. Haverá uma doença de pouca gravidade em pessoa idosa, fóra de casa.

N. 335 — BILLIE DOVE (*Hermogenio Silva — E. Do Rio*) — Vejo ligeiros arrufos por ciumes nesta casa, provocados por um jovem que finge lhe ter amizade. Uma visinha intrigante lhe deseja mal sem o conseguir, violando sua correspondencia com cinco sentidos. Em horas de comidas e bebidas receberá noticias agradaveis que lhe serão surprezas.

N. 336 — LINDA (*S. Paulo*) — Felicidade duradoura, uma grande alegria brevemente motivada pela presença de uma pessoa amiga. Fará no futuro uma viagem de bons resultados. Vejo, em uma noite, doença em pessoa que a estima. Haverá desvio de pequenos dinheiros fora de casa e um casamento vantajoso feito com alegria, embora com pouca fortuna.

N. 337 — J. L. S. (*Petropolis*) — Devia ter excluido ao baralho os azes e os sete dos quatro naipes, que ficam ao centro da cruzeta no logar das tentações.

Das figuras, apenas são "consultadas" a dama e o rei de ouros,

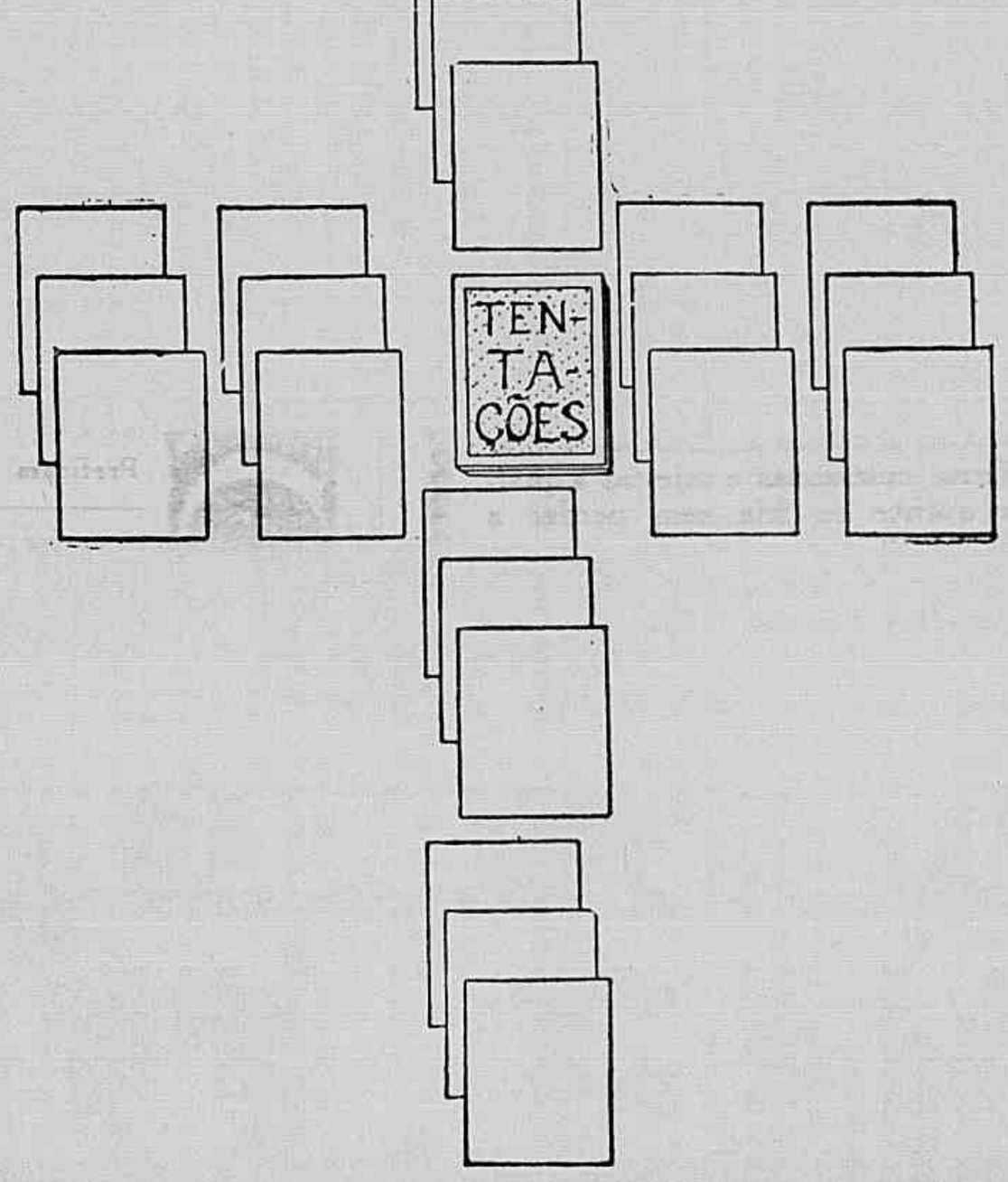


Maneira de *deitar as cartas* em cruzeta na ordem numerica em que estão dispostas.

a dama de espadas e o valete de copas. Faça assim e envie seu mappa, que terá breve resposta.

N. 338 — BIJOU (*Itaquaretuba*) — Haverá desintelligencia entre dous jovens por sua causa. Uma falsa amiga procurará fazer enredos com ciumes, não o conseguindo. Deverá ouvir os conselhos de um homem idoso e de bom parecer. Um jovem de bôa posição de fortuna lhe fará uma promessa que lhe dará muito prazer. Deverá receber brevemente pequenos dinheiros de pessoa que não espera.

N. 339 — M. CHARLES (*S. Paulo*) — Tenha a bondade de ler o que eu disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e faça tambem como alli recommendo, para que possa ser attendido no que deseja.



Mappa em que têm de ser escriptos os valores das cartas, cortado e enviado a esta redacção com o nome ou pseudonymo do consulente e localidade de onde vem.

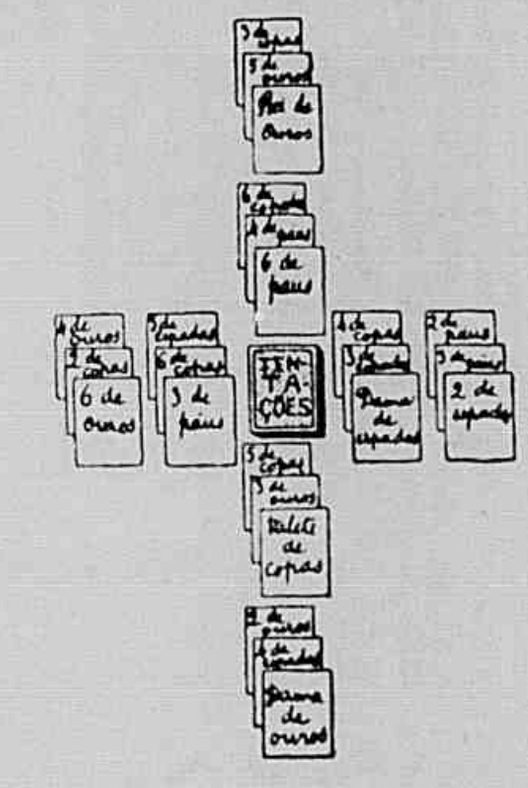
N. 340 — AMORE (*Curityba*) — Vejo uma viagem não agora, precedida de contrariedades. No futuro um matrimonio feliz, estando ao seu lado um homem claro e de bôa apparencia. Ha tambem bôa saude e prolongada existencia, sendo que no fim terá alguns desgostos motivados pela leviandade de um jovem. Haverá ainda dinheiros grandes e melhoria de posição.

N. 341 — ESTHER M. (*Nictheroy*) — Ha uma rival e um homem de bem que se casarão brevemente; vejo sympathia de uma pessoa intermediaria em uma egreja com pequena fortuna. Vejo desordem em um banquete, seguida de lagrymas de uma sua amiga pouco leal. Receberá tambem uma carta contando leviandades e desvio de dinheiros grandes.

N. 342 — PRINCEZA ORIENTAL (*Nictheroy*) — Haverá desintelligencia entre uma pessoa que a estima e uma rival que violará sua correspondencia nesta casa. Vejo leviandades e sympathia em um banquete fóra de casa, assim como dinheiros pequenos e trahição, lagrymas e más palavras d'esse homem que se preoccupa com a sua felicidade.

N. 343 — VERA BRAZIL (S. Paulo) — Vejo breve um casamento fóra de casa provocando ciumes em uma falsa amiga que lhe deseja mal. Haverá um desvio de dinheiros grandes de um homem que se preoccupa com a sua felicidade, assim como intrigas de uma mulher que procura lhe fazer mal, e que serão cortadas por uma amiga sincera. Haverá uma ausencia por doença, brevemente.

N. 344 — MYRNA LOY (*B. Vista*) — Sua vida soffrerá transformações não já. Vejo melhoria de posição, boa fortuna, assim como ciumes e desgostos de uma mulher que lhe deseja mal. Vejo viagem, porem nada mais posso acrescentar, porque uma pessôa má cortará sua felicidade.



Modelo como tem de ser escripto o mappa.

N. 345 — MARION DAVIES (*B. Vista*) — A caminhos vagarosos se approxima uma trahição de pessôa que se diz amiga e finge sympathia. Breve haverá grandes novidades e desordens nesta casa. Haverá mais uma desintelligencia entre uma pessoa que a estima e uma rival, que violará sua correspondencia nesta casa.

N. 346 — CARLOS EMMANUEL (*S. Paulo*) — Receberá, com alegria, um presente d'esse homem que a estima e com quem se casará. Uma pessoa intermediaria, não agora, commetterá uma leviandade, provocando ciumes fóra de casa.

A caminhos vagarosos se approxima uma trahição de pessôa que se diz amiga e finge sympathia.

N. 347 — EVERALDA (*S. Paulo*) — Este homem de bem e que a estima se ausentará não agora. Haverá um matrimonio fóra de casa, feito por paixão e com pouca fortuna. Vejo bom exito em seus negocios, dinheiro grandes e melhoria de posição. Receberá tambem uma prenda em uma egreja.

N. 348 — BEAUER (*Perdizes — S. Paulo*) — Uma visinha intrigante, por inveja, procurará desviar um mancebo de boa posi-

(Continúa na pagina 32)

CINEMATECA BRASILEIRA

A SCENA MUDA

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Sevilha de 1930

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE N.º 15

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

CORRESPONDENCIA DIRIGIDA A AURELIANO MACHADO DIRECTOR-GERENTE

Telephone 2-2550

A SCENA MUDA

PORTE SIMPLES	BRASIL
Um anno	48$000
½ "	25$000
REGISTRADO	
Um anno	69$000
½ "	35$000
Num. avulso.	1$000
" atrazado	1$500

ESTRANGEIRO

PORTE SIMPLES	
Um anno	63$000
½ "	32$000
REGISTRADO	
Um anno	94$000
½ "	48$000

RIO DE JANEIRO, 3 DE DEZ. DE 1930 || **N. 506—38.º DO 10.º ANNO**

NOVIDADES NA TELA

Bessie Love

Por José M. Sanchez Garcia

CONHECI Bessie Love ao mesmo tempo que Colleen Moore. E não podia ser de outra maneira, pois que, nessa epocha, eram inseparaveis. Antes de Colleen empunhar o sceptro no lar de John Mac Cormick, as duas estrellas, sempre juntas, eram as figuras mais attrahentes e populares de Hollywood. Da mesma edade e estatura, parecidas nos gestos e attitudes, identicas nas inclinações...

Porem, um dia, Colleen casou-se. Desde então, sempre vejo Bessie passeiando a pé, com um ramo de frescas rosas, por uma rua proxima de Gran View, de Los Angeles.

Fiquei, certa manhã, surprehendido por vel-a tão cedo e, depois de lhe apertar a mão, perguntei:

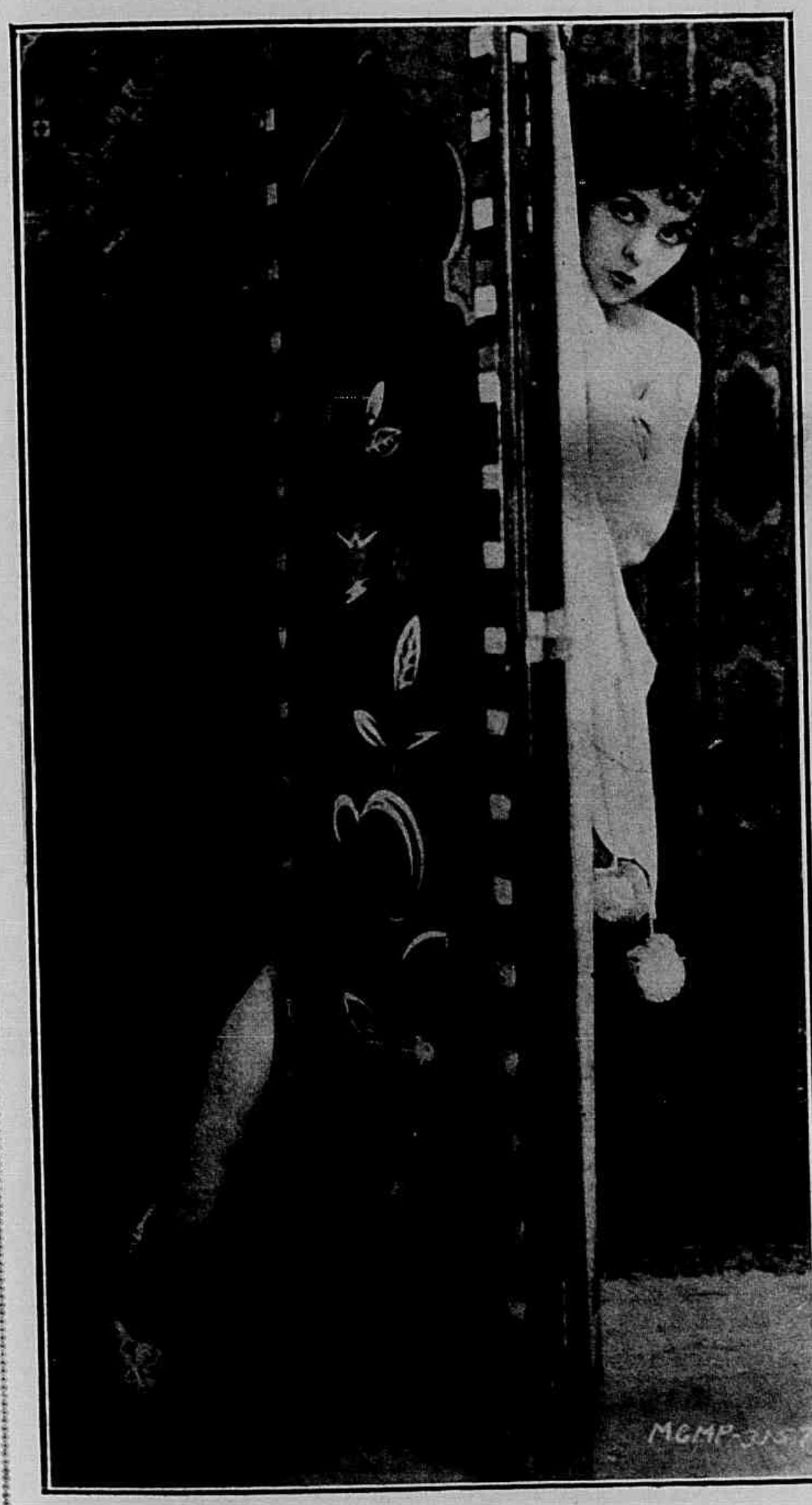
— Que vem a ser isso? A pé? Para quem são essas flôres?

— Venho a pé e a estas horas, por que faço meu passeio matinal, o exercicio mais recommendavel nesta vida — explicou-me com sua graça peculiar— E estas rosas são para Colleen... Então não sabe que chegou hontem do Leste com seu marido?

Alguns mezes mais tarde, tornei a encontral-a muito perto de logar onde a encontrára da outra vez. As festas do Natal estavam proximas.

Caminhava eu ao accaso, quando de improviso me chamou a attenção uma mãosinha enluvada que se agitava febrilmente, por traz da vidraça de uma *limousine*. Reconheci... o chauffeur de minha linda amiguinha. Ella, no meio de um mundo de embrulhos, que entulhava o automovel, mandára deter, quando me viu e convidava-me para subir.

Bessie não é bonita. Talvez esteja mesmo longe de o ser.



LINA MOLINA. — Estrella austriaca do écran norte-americano.

O novo casal de Hollywood. — Loretta Young e Grant Withers.

Este numero consta de 36 paginas.

Miss **BESSIE LOVE**, da *Metro*.

Porem tem um immenso poder de sympathia, que attrahe irresistivelmente. E' quasi uma menina, embora já tenha passado do sexto lustro. Sua casa é uma das mais formosas na selecta colllina chamada d'*Os Felizes* de Hollywood. Nossa chegada provocou quasi uma revolução.

— Quantos annos tem?

Surprehendeu-se. Depois, fazendo uma carêta, deliciosa, respondeu; nem mais nem menos como uma garôta de escola:

— *It is not your business*.

— Fique sabendo que vou publicar sua resposta com todas as lettras!

Ella ergueu os hombros e fez um *muchocho*.

— Vamos a vêr — continuei: — Como nasceu em você a ideia de entrar para o cinematographo?

— Acabava de sahir graduada da Escola Superior e começava a trabalhar como professora em uma escola municipal para meninas, quando, instigada por algumas amigas que affirmavam que eu era muito "funny", resolvi experimentar a sorte no terreno dos *films*, que, então, estava muito longe de offerecer as vantagens de hoje, porem que a mim sempre attrahira.

Sem mais hesitar, fui visitar David Work Griffith, que era amigo de meus pais e pedi-lhe seu auxilio.

Então, o grande Griffith preparava-se para filmar as scenas de *Intolerancia* e confiou-me para ensaio um pequenino papel nesse film, que, finalmente, não interpretei. Recommendou-me, então, a um director amigo seu e aconselhou-me que mudasse meu nome original de Juanita Hortons pelo que actualmente tenho, que é mais sonoro e melhor para a publicidade.

Meu primeiro trabalho foi para um film comico intitulado *O Torpedo Valente*. Meu trabalho agradou tanto, que logo fui contractada por cinco annos. Porem, em minha opinião, onde tive a primeira opportunidade foi em *O Ariano*, ao lado de William S. Hart. Griffith escolheu-me, então, para ser a heroina de Douglas Fairbanks em *Reggie Mixes In* e em *The Good Dad Man*. Com Sessue Hayakawa fiz *The Vermilion Pencil* e *The Swamp*. Trabalhei muito, aqui e em New York. Creio que meus principaes films foram *Slaves of Desire*, *Human Wreckage* — o film contra o vicio de drogas, feito por Mrs. Wallace Reid — e a *Tormenta*, sob a direcção de Maurice Tourneur.

No film *O mundo perdido*, soffri como não pode imaginar; é um film feito tendo como base segundas exposições e exigiu dos interpretes um trabalho mathematico. Creio que com isso já digo bastante!

— Qual é seu actor favorito?

Pensou um instante a resposta e como que contrariando-se a si propria, disse:

— Permitta-me que não responda... Como vai publicar tudo isso, devo ser discreta:

— E quanto a directores e ensaiadores?

— Griffith! Griffith! Sempre Griffith! — saltou enthusiasmada — Adoro Griffith, porque creio que é o melhor ensaiador do mundo!

— Que livros lhe agrada mais?

— Leio... Plutarcho. *Suas Vidas Parallelas* é o meu livro de cabeceira. Tambem gosto de Mark Twain. De resto, muito poucos me satisfazem.

— Como vai no estudo do hespanhol?

(Continúa na pag. 32).

Conchita
Montenegro,
da
"Metro".

MC-9041

A MODA EM HOLLYWOOD

Anita Page, da "Metro", com *toilette* para recepção em *chiffon* preto, elegantissima, com mangas e decote originaes e de muito effeito. Joias de crystal e sapatos de setim preto.

Monte Carlo

Film da UFA *com os seguintes*

INTERPRETES

Ellen — AGNES ESTERHAZY
Ryves — HARRY LIEDTKE
Sylvia — *Elza Temary*
A Sra. Farndon — *Frieda Richard*
O Sr. Farndon — *Dr. Manning*
Lady Nowell — *Gertrud de Lalsky*
Golding — *Jack Trevor*
Alan — *Dene Morel*

Em Monte Carlo reunia-se constantemente um grupo chic de subditos inglezes, do qual fazia parte um rapaz chamado Alan Leversage, jogador inveterado e crivado de dividas.

Um de seus amigos, de nome Ryves, sinceramente interessado por sua sorte, estava convencido de que a unica salvação d'esse estroina estava em seu casamento com uma prima riquissima, que se chamava Sylvia.

Alan, porem, tivéra já em Londres profunda paixão por uma moça chamada Ellen, que tambem o amára mas soubera mantel-o á distancia por ser então casada e honesta.

Depois, por morte de seu marido, Ellen entrára na posse de uma pequena fortuna que, segundo idealisa, servirá para o resgate das dividas de Alan e para realizar com elle um casamento de amor.

O terrivel segredo pesava sobre elles com crueldade implacavel.

Aquella offerta deixou a linda Ellen attonita.

Ao chegar, porem, ao paraizo dos jogadores, Ellen verifica, com tristeza, o deploravel estado moral do seu amado e comprehende logo que um abysmo enorme a separa do coração do moço estroina, leviano e cynico.

Ainda assim, anciosa por salval-o e viver junto d'elle em companhia de seu filhinho, offerece a Alan seus bens que, no emtanto, não são sufficientes para o resgate das dividas do inveterado.

Entretanto, Ellen trava conhecimento com Ryves, que, ao conhecer a situação dolorosa da joven inglcza, offerece-lhe o auxilio necessario.

Ella, porem, recusa a gentileza e, cheia de coragem, dispõe-se a lutar sozinha contra o destino.

Toma logar na meza de panno verde, onde quantias enormes são perdidas e ganhas diariamente.

Um golpe de felicidade, certa noite, torna-a riquissima e ao mesmo tempo dona, de novo, do coração de Alan, cujos parentes,

O desfile dos modelos de roupas internas.

scientes da actual posição da linda creatura mudam a attitude hostil de outrora para poderem ser aquinhoados com os beneficios que lhes pode trazer o ouro tentador e sempre desejado.

Assim, Alan poude pagar todas as dividas contrahidas até essa data.

Entre demonstrações de alegria, os pais de Ellen recebem um convite para seu proximo casamento e, pressurosamente, embarcam para Monte Carlo.

Neste interim, um novo golpe do Destino cahe sobre Ellen. Um seu conhecido, que tinha o nome de Golding, arruinado pela roleta, suicida-se.

Para salvar a reputação do morto, Ellen aventura-se novamente no panno verde e comquanto Ryves procure afastal-a d'essa aventura, a moça mantem-se fascinada pela bolinha de marfim e termina perdendo toda a sua fortuna.

Agora todos aquelles que a cercavam, ha poucos dias, são os primeiros a abandonal-a.

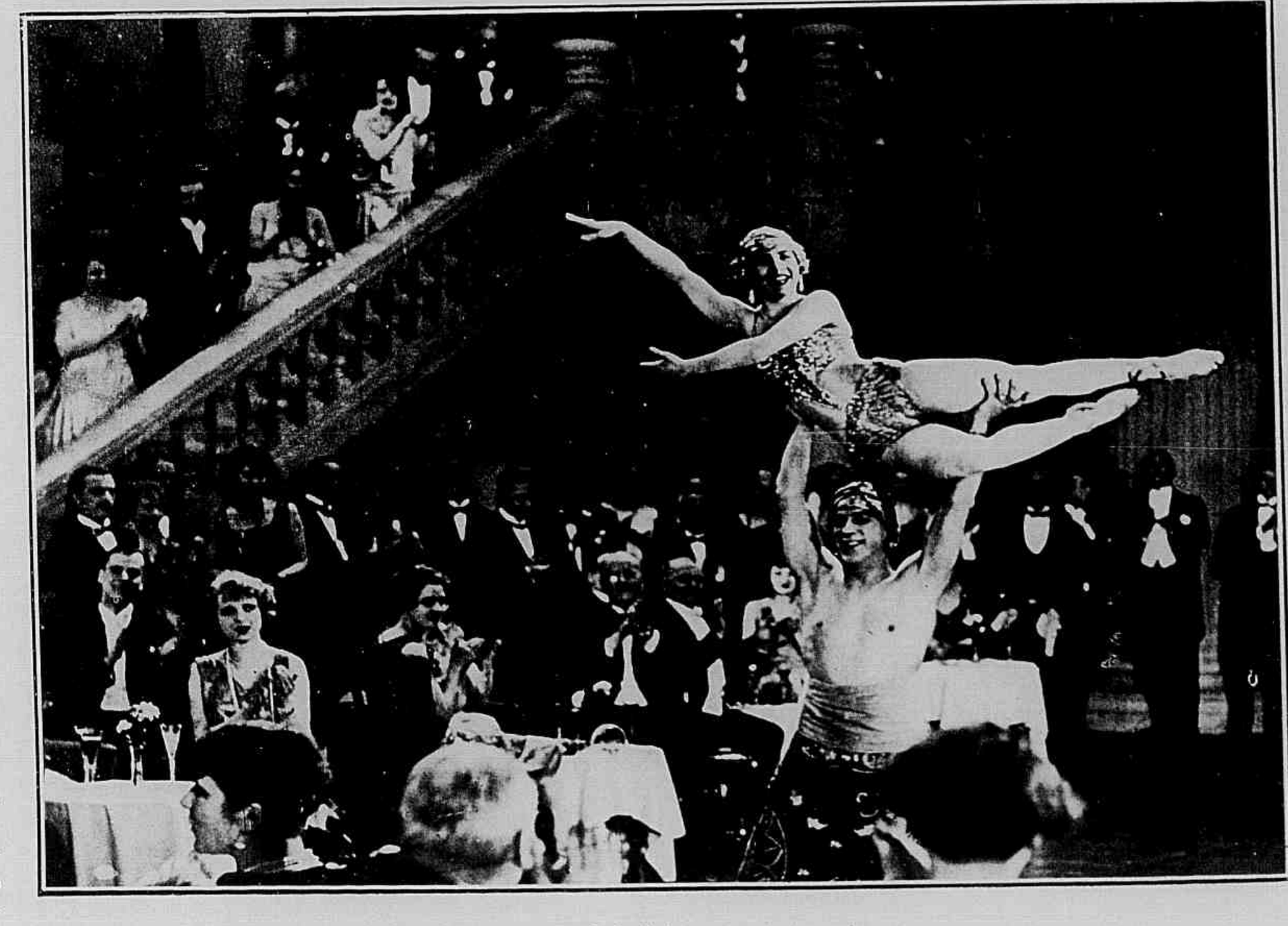
Nesta altura, Alan se resolve a desposar Sylvia, porque de Ellen nada mais pode esperar.

Nessa situação angustiosa volvem a amparar o soffrimento de Ellen, os carinhos e os conselhos amigos de Ryves com quem, afinal, Ellen foge de Monte Carlo para ir, bem longe, viver uma vida feliz ao lado do unico homem, que soube comprehendel-a e salval-a de uma sorte desgraçada.

A SRA. SOJIN — actriz japoneza, esposa do excellente actor cinematographico, companheiro dos saudosos films de Lon Chaney, foi escolhida para trabalhar ao lado do actor hespanhol Ernesto Vilches, no film da *Metro* denominado *"Wu Li Chang"*, que vai ser filmado todo em hespanhol.

A Sra Sojin falla correntemente o hespanhol por ter aprendido esse idioma na universidade de Waseda.

MARY DUNCAN, já paga e devidamente instruida para trabalhar, foi impossibilitada de iniciar a filmagem de *"The Pasion Flower"* para a *Metro*, por ter sido reclamada pela *Universal* para apparecer em *"The Boudoir Diplomat"* que esta ultima empreza filmar.



Dous aspectos do bailado no sumptuoso casino.

ROMANCE

Film da *Metro-Goldwyn-Mayer* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Rita Cavallini — GRETA GARBO
Cornelius Van Tuyl — LEWIS STONE
Tom Armstrong — GAVIN GORDON
Harry — *Elliot Nugent*
Suzan Van Tuyl — FLORENCE LAKE
Vannucci — MATHILDE COMONT
Nina — CONDESSA DE LIGUORO

XXX

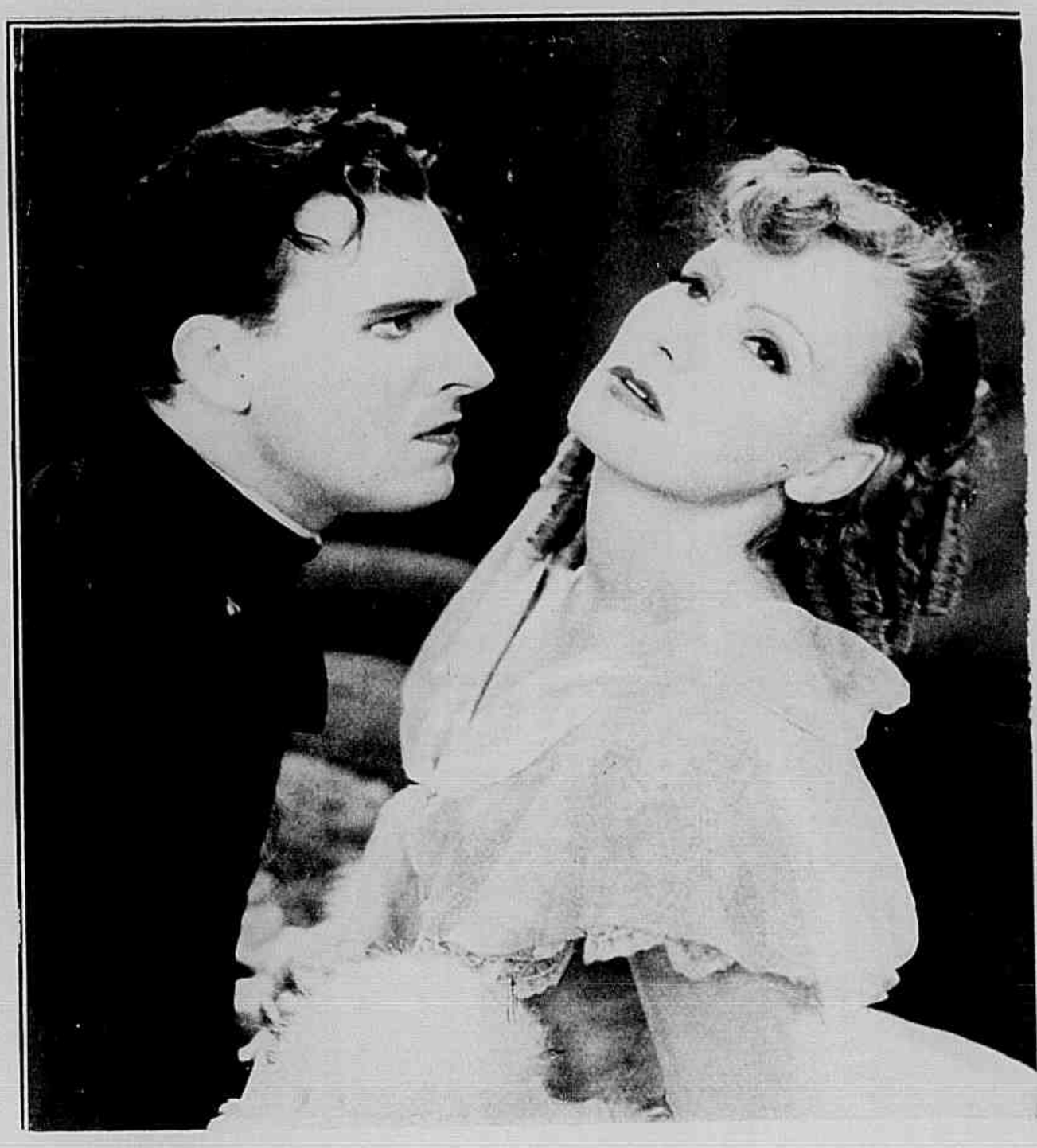
Lá fóra, numa das mais movimentadas ruas de arrabalde da immensa New-York, estrugia a alegria delirante dos festejos do Anno-Novo.

O bispo protestante Tom Armstrong, mesmo assim conseguira concentrar-se bastante para meditar sobre a Biblia, cujos preceitos ha muito elle dedicára inteiramente sua vida. De subito porem o bispo foi interrompido na sua leitura por seu neto, Harry, um rapagão a quem a vida ainda não ensinára bastante, por isso que elle alli estava precisamente para obter uns conselhos do seu querido avô. E' que Harry estava loucamente enamorado por uma actriz, embora sua familia se opponha a tal casamento. Achavam todos — com excepção sua,

Detendo uma colera justa mas impia.

Todos esperavam um olhar, um sorriso da grande artista.

Cornelius Van Tuyl era um amigo seguro e discreto



Como lhe era penoso recusar um amor tão puro.

e, talvez, do bondoso avô — que uma mulher do theatro nunca poderia ser uma bôa esposa.

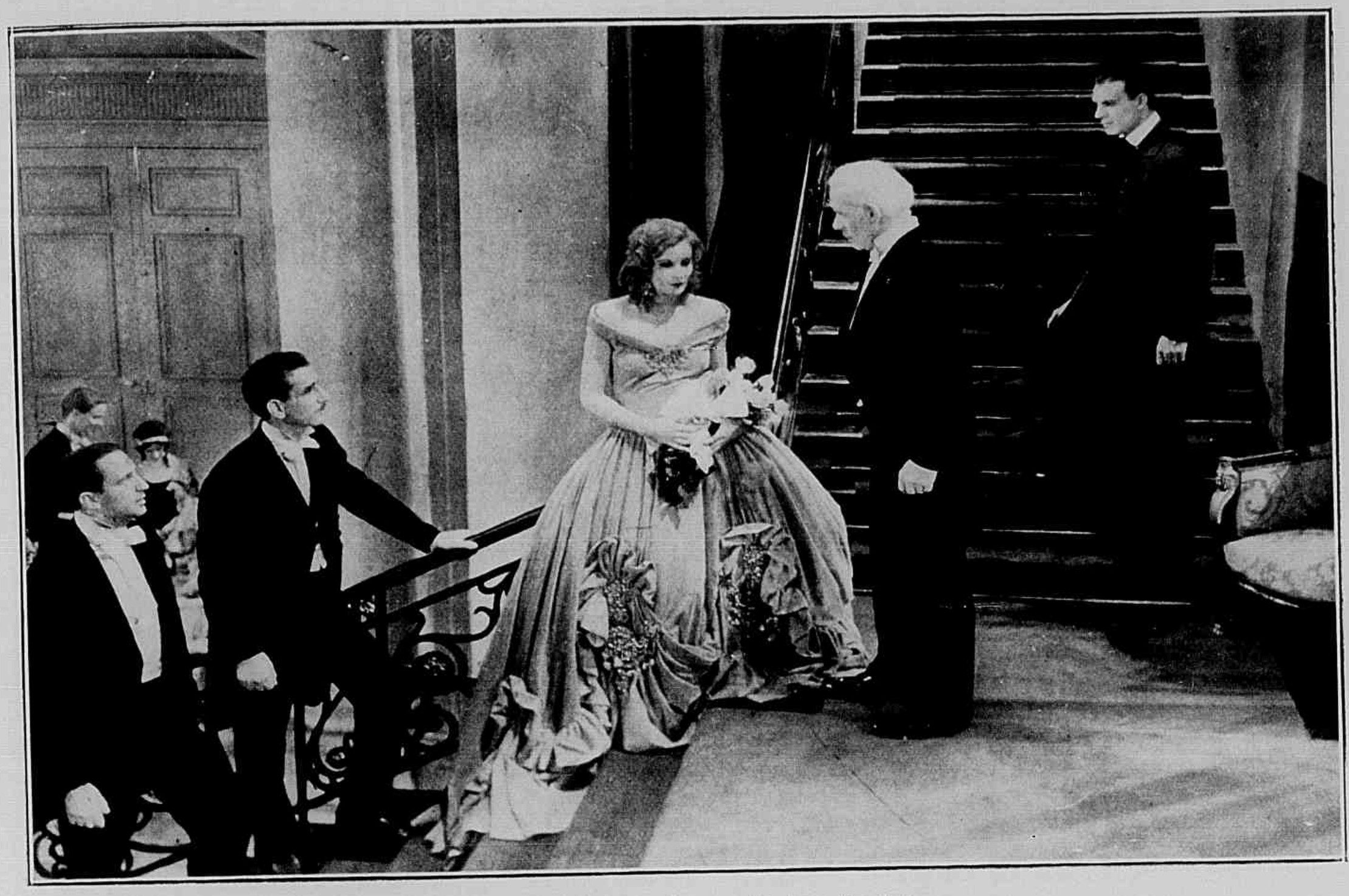
Elle alli estava, por isso, á espera de uma palavra do bispo Armstrong, que tanto o poderia entristecer como alegrar, mas em qualquer caso guial-o.

O bispo Armstrong, entretanto, não deu essa palavra logo ao neto. Ouviu-o, attento, durante todo o tempo em que o rapaz lhe fallou e, antes de estudar o assumpto, preferiu procurar e mostrar a Harry uma linda caixa de ebano. E disse-lhe, então:

— Esta caixinha, meu filho, encerra as reminiscencias de um romance. Aqui estão um lencinho e uma rosa. O perfume já se perdeu, mas as recordações jámais me abandonaram... Eu

Naquelle instante ella quasi cedeu á vertigem do amor que tambem reinava em seu coração.

Foi ainda junto de Van Tuyl que ella encontrou amparo e consolo.



A recepção da famosa cantora no salão do sr. Van Tuyl

te contarei essa historia. Harry. Foi ha mais de cincoenta annos, eu era o reitor de S. Giles e certa noite fôra a uma festa na residencia de Cornelius Van Tuyl..."

* *

Um deslumbramento, o baile que se realisava no palacio Van Tuyl, offerecido á alta-sociedade de New-York de 1865, naquella noite! As figuras mais represen-

(Continúa na pag. 31)

—Não — supplicou Rita — Não lhe diga cousa alguma

Com que fervor elles pediram ao céu que os inspirasse.

OS QUE VIVEM NO ECRAN

Suicidio frustrado de Lina Basquette

LINA BASQUETTE commoveu a população de Hollywood, tentando contra a vida, ha duas semanas. Foi uma nota sentimental e sincera e, portanto, rara em Hollywood.

Essa ex-estrella recebera innumeras visitas, em uma quinta-feira e com ellas palestrára alegremente, sem demonstrar o menor aborrecimento e sem que se suspeitasse que, em seu cerebro, havia qualquer cousa sinistra, germinando.

Logo que as visitas se retiraram e ella ficou só, preparou forte dose de veneno, cujos effeitos a fizeram tombar ao solo bruscamente, produzindo ruido externo, que chamou a attenção da creada de quarto. Esta, vendo-a extendida, chamou pelo telephone os soccorros necessarios e a infeliz foi levada para um hospital, onde lograram dominar os effeitos da terrivel droga e, finalmente, salval-a da morte.

A actriz tentára suicidar-se por uma cousa bem commum nos tempos que correm. Vamos relatar sua triste historia: Ha tempos trabalhava no *Follies* e d'elle sahiu para casar-se com Sam Warner, de cujo matrimonio nasceu uma menina, que é a causa de todo o occorrido.

Sam Warner — da *Warner Brothers* — falleceu não ha muitos mezes e a artista, jovem e bonita, voltou a trabalhar no cinematographo, tendo chegado a um accordo com Harry M. Warner, irmão do primeiro, mediante o qual este se constituia tutor da menina e se encarregaria de sua educação por todo o tempo, menos por trez mezes annuaes, em que a filha iria para a companhia da mãi.

A creança se encontra, actualmente, em New York e a mãi solicitou que a mandassem para a sua residencia em Hollywood, para que passasse com ella os trez mezes, segundo a combinação, porem o tutor pretextou varios motivos para não enviar a menina para a companhia da mãi e Lina, desesperada, tentou contra a propria existencia, segundo já relatamos.

Agora, já mais calma, a actriz entregou o caso a um advogado para vêr se consegue, nos tribunaes, a necessaria ordem para que o tutor lhe entregue a filha adorada.

No anno passado Lina Basquette contrahiu segundas nupcias com o photographo cinematographico Peverell Marley, porem, actualmente, vivem separados e embora continuem a manter relações amistosas, o mais provavel é que se divorciem de um momento para outro...

*

A *Warner Brothers*, sempre á procura de novidades, está fazendo repetidas e custosas experiencias com seu novo systhema de film telescopico *Vitascope*, que se acredita será a ultima palavra quanto a clareza na projecção.

Miss CLARA BOW.

Greta Garbo e Gavin Gordon, da " Metro ".

Braço protector

Film da *Radio Pictures* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Kirk Stockton — Tom Tyler
Madge Wilson — *Ethyne Clair*
Scotty Wilson — *Barney Furey*
Jerry Wilson — *Frankie Darro*
George Laferte — *Jack Hilliard*
Andre Jeel — *Lew Meehan*
Jell's henchman — *Jimmy Casey*

:—:

"Os Lobos" — assim era chamado um grupo de homens brancos, que, para melhor praticar actos de salteagem andavam disfarçados em indios Pelle Vermelha e constituiam o terror dos e loros de Eldorado, uma cidade mineira da California, na epocha das pesquizas do ouro.

Um dia, um dos "Lobos" cahiu morto durante uma contenda na cabine dos mineiros e assim o sr. Scotty descobre que elle é um branco e não um indio como se suppunha.

O que todos ignoram e ninguem poderia sequer imaginar, era que o proprio George Laforte, o chefe das minas — fosse secretamente o chefe do bando dos "Lobos".

Por occasião d'essa descoberta feita por Scotty, Laforte promette investigar sobre esse assumpto, contractando para isso um detective. Mas nada fez.

Algumas semanas depois, a diligencia de Overland, que conduzia a mala postal e alguns passageiros, entre os quaes miss Madge Wilson e seu irmãosinho Jerry, que vinham ao encontro de seu pai — que era o Sr. Scotty Wilson — foi assaltada no meio da estrada pelos "Lobos".

O cocheiro e seu auxiliar foram jogados fora da carruagem, porem Kirk Stockton, um detective que vinha occulto numa grande caixa de madeira na rectaguarda da carruagem, offereceu combate aos salteadores, emquanto os cavallos dispararam desentreadamente.

Os tiros de Kirk attingem alguns dos "Lobos", mas a caixa em que elle se occultára, a um solavanco mais forte do carro, foi precipitada no meio da estrada.

Kirk parece perdido mas num minuto se põe em pé e atira contra o bandido mais proximo, que tomba do cavallo. O detective monta nesse cavallo e galopa atraz da diligencia, que consegue alcançar e conduzir até a villa, emquanto os "Lobos" se dispersam renunciam áquella partida.

Horas depois,

A sympathia de Madge pelo detective era evidente.

Kirk surgiu ainda a tempo de enfrentar e dominar o miseravel.

Para melhor praticar actos de salteagem os miseraveis se disfarçavam em indios.

quando Kirk andava pela villa, um sujeito chamado Joel e que era um dos membros do bando dos "Lobos", reconheceu em Kirk um valente policial que o perseguira implacavelmente no Estado de Nevada e aterrorisado resolveu fugir de sua alçada quanto antes.

O odio contra Kirk Stockton cresceu ainda mais quando Laforte pediu Madge em casamento e foi recusado, percebendo todos que a sympathia profunda dedicada pela moça a Kirk era a causa d'essa recusa.

Mas a represalia do bandido não se fez esperar.

O pai de Madge foi preso pelos "Lobos", que exigiram para seu resgate a importancia de dez mil dollars.

Laforte offerece-se então para effectuar esse pagamento, caso Madge consinta em desposal-o.

Nesse interim, Joel tendo resolvido partir, porque receia ser reconhecido pelo detective, cuja força e valor conhece bem, reclama sua parte no "capital" do bando.

Na hora da partilha, uma palavra d'aqui, um argumento d'alli, resultam numa contenda, sendo Joel ferido mortalmente por Laforte.

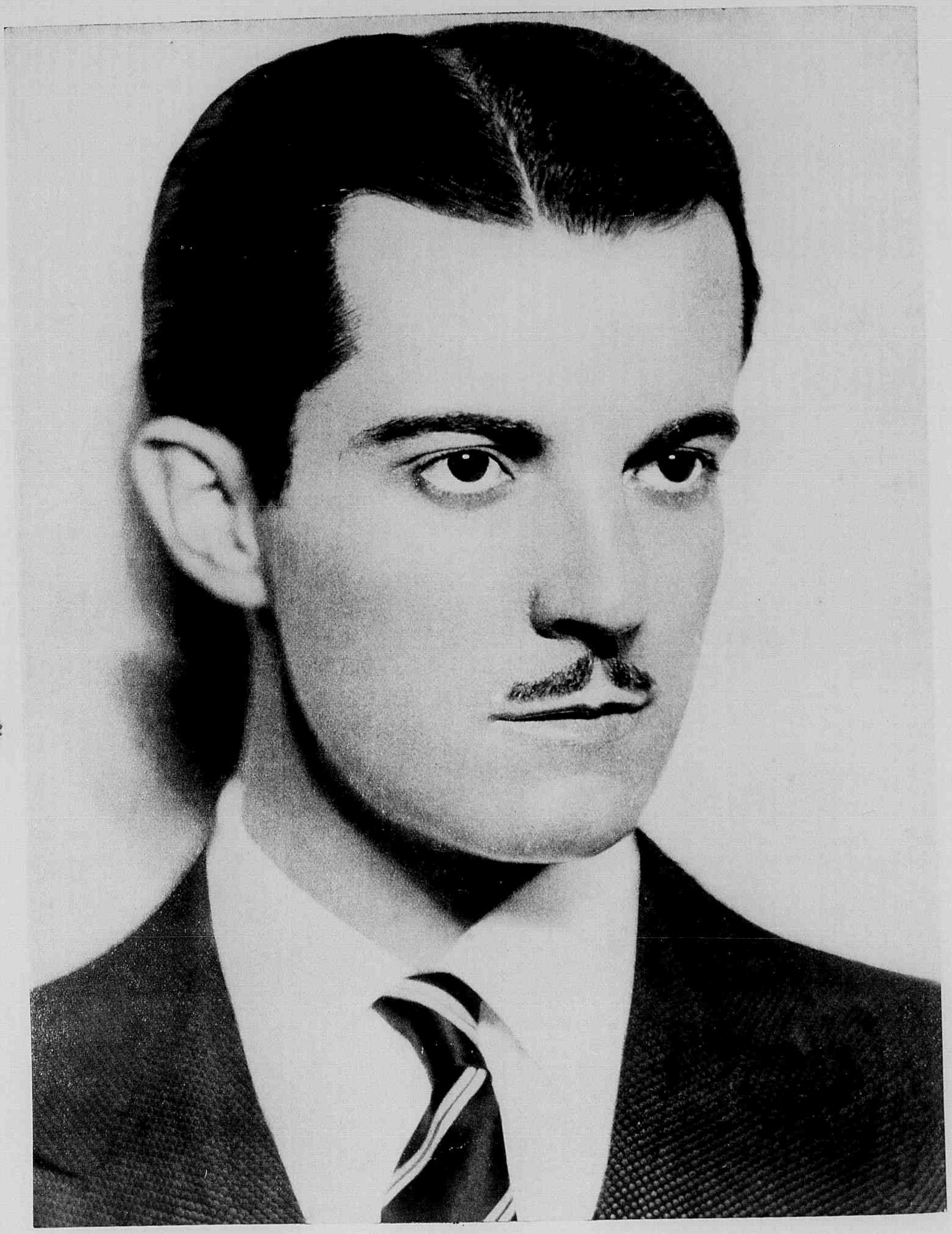
Antes de morrer, porem, Joel relata tudo a Kirk. Este corre em soccorro do velho Scotty Wilsen e, aproveitando-se de sua ausencia, Laforte capacita a Madge de que Kirk fôra assassinado, quando pretendia salvar seu pai.

A moça, desesperada, sem qualquer auxilio, acceita a proposta de casamento que Laforte lhe faz, para se realizar dentro de uma hora.

Porem Jerry, o irmãosinho de Madge, ouvindo isso, corre

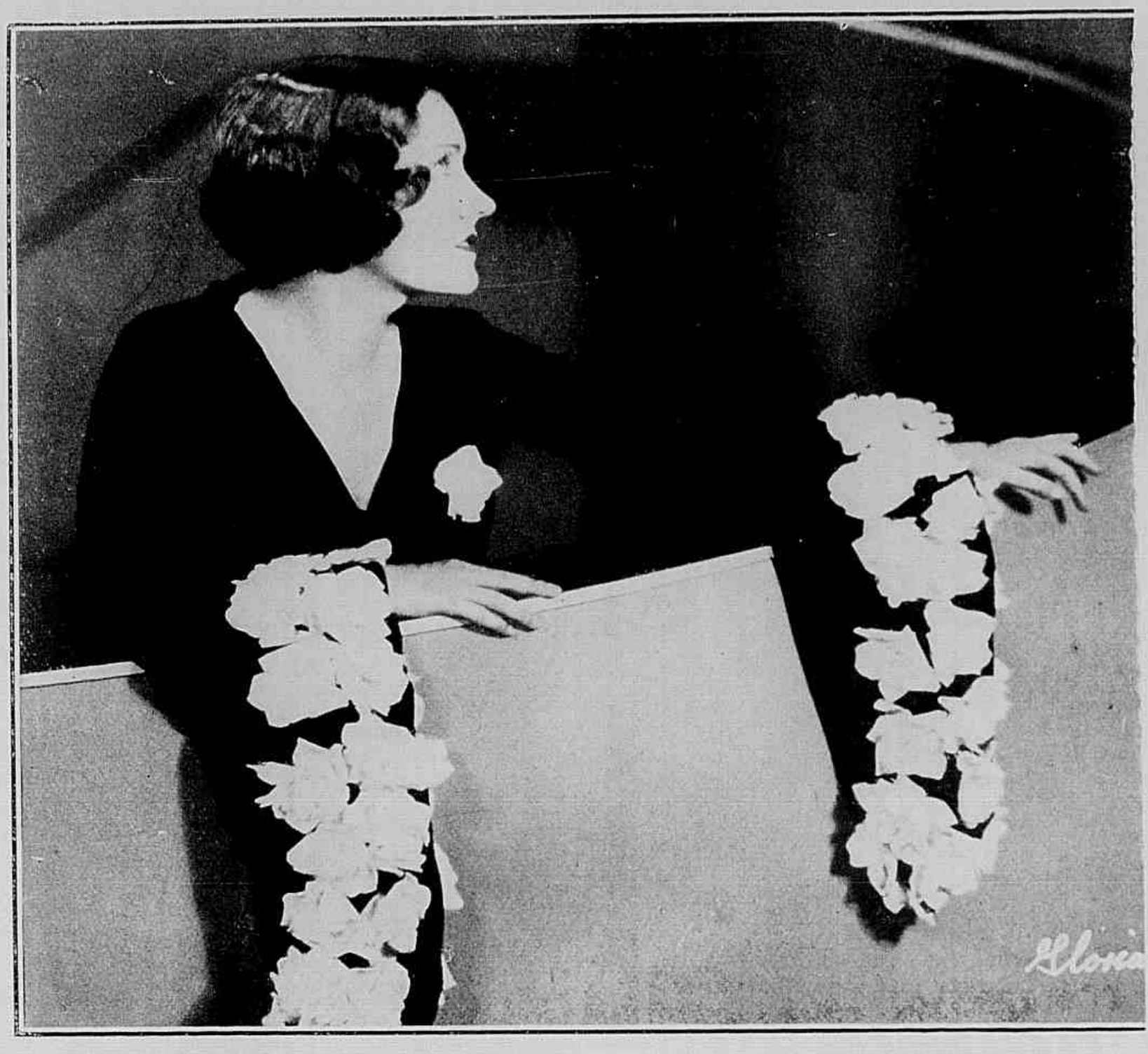
(Continúa na pag. 32)

Graças ao pequeno Jerry, Kirk chegára a tempo para salval-a.



Ramon Novarro, da " Metro ".

Jean Arthur, da " Paramount ".



Gloria Swanson (ex-marqueza de La Falaise). Seu ultimo trabalho é "Que Viuva!" da "United Artists".

Gloria e o "Marquez"

Desde que se soube em Hollywood que o marido de Gloria Swanson e tambem marquez de La Falaise, embarcára na Europa com rumo á cidade dos films, todos começaram a fazer conjecturas sobre a attitude que ambos observariam depois de tanto tempo de separação — quando menos pelo oceano. O marquez, ao ser entrevistado pelos jornalistas, declarou, terminantemente, que nada tinha que dizer e, assumindo uma attitude muito nobre e muito de "marquez", deixou o encargo de fazer declarações a sua esposa, posto que, assim, ella propria escolheria as palavras para satisfação da curiosidade geral...

Assim, pois, foi Gloria a que fallou — como sempre — e alegremente declarou:

"Henrique e eu decidimos continuar vivendo separados tal como estivemos durante anno e meio. Elle continuará vivendo em um hotel, emquanto permanecer em Hollywood e eu... em minha casa de praia; porem isso não é razão para que não continuemos a ser os melhores amigos."

Por essas curtas e francas palavras, Hollywood e o mundo ficou sabendo que Gloria ficará muito pacatamente na praia, tomando banhos de sol e que "seu" marquez — será ainda? — permanecerá, emquanto isso, em um elegante hotel de Beverly Hills, rodeado de todas as commodidades e descansando, talvez, das fadigas da viagem.

Segundo affirma Gloria, ella e o marquez continuam sendo "os melhores amigos" e, assim, não se espera — pelo menos para já — o pedido de divorcio.

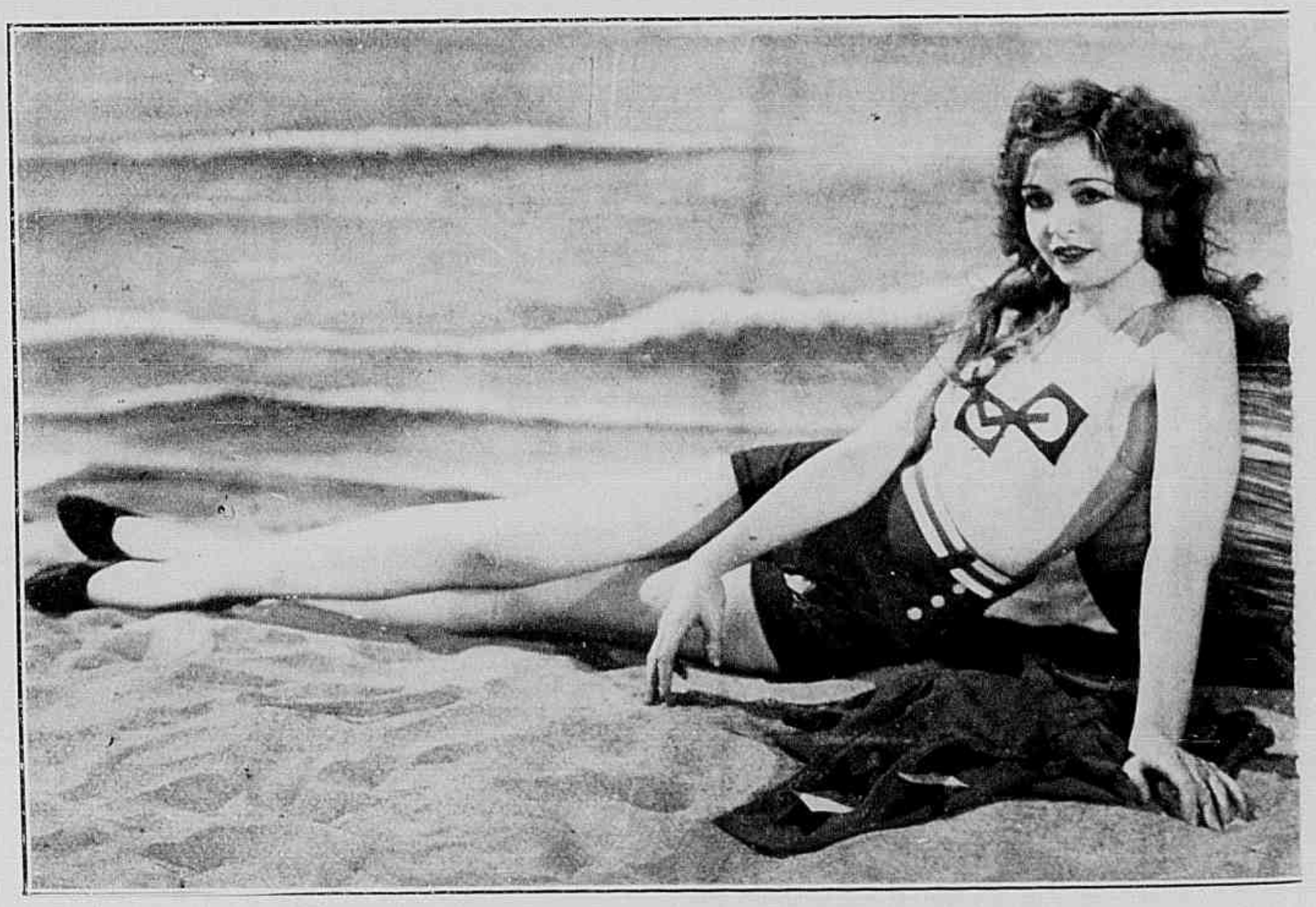
Porem a maior curiosidade é a de se saber se o marquez ficará assim,tão quietinho, em seu hotel de Beverly Hills ou emprehenderá outra viagem á Europa — ou ainda mais distante — para continuar seus estudos sobre o cinema e principalmente sobre as estrellas louras, em cujo trabalho já deve se ter formado.

Nem a marqueza nem o marquez figuraram em nenhuma producção cinematographica nestes ultimos sete mezes.

MILTON SILLS, cuja morte foi annunciada não ha trez mezes, falleceu em circumstancias dolorosas para seus intimos. Jogava alegremente o tennis em uma partida bastante movimentada, travada contra sua linda esposa, Doris Kennyon, quando, sentindo-se repentinamente mal, falleceu em seis minutos, victimado pelo coração.

INA CLAIRE ESTÁ TRABALHANDO em uma obra theatral no Theatro Belasco e, cada noite tem, como assiduo concurrente, na primeira fila de cadeiras, John Gilbert, seu marido. Segundo dizem, John quer estudar dicção, que lhe faz tanta falta para trabalhar no écran, emquanto que a ella isso lhe sobra, pois que por excesso de theatralidade fracassou nos films.

JETTA GOUDAL esteve dous mezes em um sanatorio, devendo adiar sua annunciada viagem á Europa, onde espera obter melhores opportunidades em films fallados em francez.



Mary Maylan, a nova estrella da "Metro".

Caninos no cinema

Por **Orita Lage**

Gostaria o leitor de accicir dos destinos de uma multidão de astros do cinema e distribuil-os á vontade a esta ou aquella companhia? Isto que é apenas possivel com artistas humanos, é a praxe quando se trata de "artistas caninos".

Comquanto existam em Hollywood mais de quinze estabelecimentos de cães adestrados, um criador só possue 60 % dos melhores "cerebros caninos". E' elle o Sr. Pernie Renfro, proprietario de sessenta e cinco "cães artistas" que correm e pulam alegremente á sombra de um grande pomar de pecegos. Bernie monopoliza quasi por completo o talento canino e pode apresentar sem demora qualquer qualidade de "actor canino" de que necessitam as companhias cinematographicas: uma cadella coquette, um policial majestoso, um cão comico, ou um cão perito em scenas patheticas, d'essas em que o animal se conserva immovel e triste junto do cadaver do seu dono. Os cães de Renfro apparecem na tela como actores humanos ou em comedias de dialogo synchronizado, em que todos os personagens são da raça canina.

O cão mais intelligente de Renfro é o "Buster", que fez o papel de protagonista em *College Hounds*, *Hot Dogs*, *The Dogway Melody*, *Who Killed Rover* e *Tudo calmo no front*, peça satyrica, recentemente para a tela. Todas estas comedias "falladas", com artistas caninos, têm sido dirigidas por dous peritos trenadores de cães: Jules White e Zion Myers. Renfro dispõe de dez cães intelligentissimos, capazes de desempenhar os papeis mais complicados no genero animal. Os outros cincoenta e cinco cães servem de "extras", pois, comquanto sejam patos para representar papeis principaes, carecem da sagacidade e subtileza dos "artistas" mais amestrados, dos "astros", emfim.

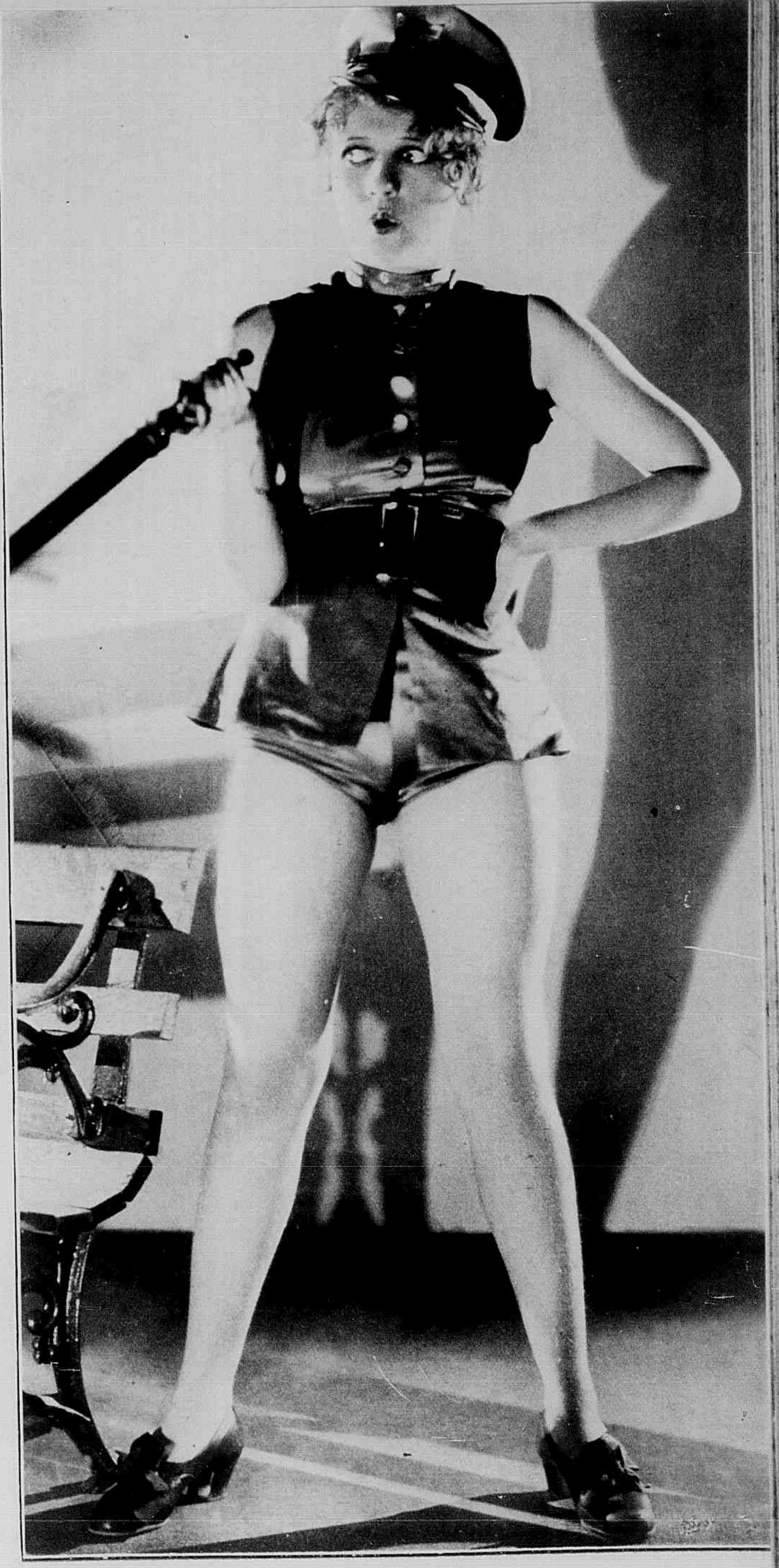
— Não sei porque será — disse Renfro — mas os cães de raça nobre raramente têm habilidade sufficiente para colher todos os matizes, para comprehender as ordens atravez do olhar de seu dono. Os cães de raça fina só servem para serem admirados, não para se tirar proveitos com elles. Ha pessoas que pagam milhares de dollars por um cão perdigueiro ou de outra qualidade reconhecida; mas nunca em minha vida paguei um nickel por qualquer de meus cães. Em geral todos elles são presentes que me fizeram. Todas as semanas recebo chamados de pessoas, que, dispondo de uma duzia de cães "vagabundos", ficariam muito satisfeitas e agradecidas por encontrar quem os queira, pois só assim se verão livres d'elles. Entre estes cães ha sempre um que é mais intelligente do que os outros. E um trenador perito pode distinguir pelo olhar o animal capaz de comprehender ordens dadas com os olhos ou mesmo com a voz. Em geral o cão mais intelligente é o de apparencia menos formosa.

A granja de Renfro é um modelo de ordem e asseio e esta condição é a melhor maneira para conservar bem os cães, na opinião do já famoso criador. As casas dos cães são feitas de madeira fina e lavadas cuidadosamente todos os dias. Os cães têm um quarto de banho com trez banheiros e todos são lavados por ordem. Um veterinario os examina com regularidade para evitar as enfermidades communs da raça e obriga-os a fazerem muito exercicio diariamente, o que ás vezes consta apenas em corridas pelo pomar, ou exercicios com apparelhos especiaes.

A alimentação dos cães é rigorosamente scientifica. Os cães precisam comer carne crúa de vez em quando, disse Renfro, mas não se lhes deve dar isso frequentemente, porque tirar-lhes-ia a vivacidade e lhes põe obtusa a intelligencia. Os cães se acostumam facilmente com a alimentação vegetariana; gostam de fructas, pois comem todos os pecegos, que cahem das arvores do pomar.

Renfro é um homem de natureza calma, mas torna-se exaltado quando alguem lhe pergunta se espanca seus cães quando os trena. Ha pessôas que maltratam os animaes para ensinal-os; mas o bom trenador nunca recorre a taes excessos. Pondo de lado a ideia humanitaria, o castigo corporal não produz resultado com os cães. Não se pode confiar no cão que se ensinou a

(Continúa na pagina 34)



Ao lado: — **Anita Prge**, estrella da "Metro".

Lanetta Loff, da "Universal".

O MONSTRO MARINHO

Film da *Metro* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Nina — RAQUEL TORRES
O reverendo Sims — CHARLES BICKFORD
Carl — NILS ASTHER
Antone — GEORGE F. MARION
Juan — JOHN MILJAN

Dentre os mais estranhos monstros marinhos das duas Americas, salienta-se a Raia Gigante — um peixe feroz e mortifero, que infesta especialmente as aguas das Antilhas.

Sobre esse monstro, o *National Geographic Magazine* já publicou o seguinte:

"Um peixe enorme, de corpo semelhante ao do morcego e que utilisa as barbatanas como azas, para voar. Tem força bastante para levantar um veleiro."

Este romance tem inicio na Ilha de Portuguia, onde á noite ha o echo lugubre dos ritos barbaros do fanatismo indigena e durante o dia, a perigosa colheita de esponjas, no leito do mar traiçoeiro.

Carl era um dos rapazes occupados em colher esponjas do fundo do mar. Seus dias elle os havia passado sempre naquella ilha tristonha e o unico consolo que lhe prodigalisava a vida era a ternura de sua irmã Nina, uma jovem cujo sangue parecia sentir mais a attracção do exotismo dos nativos da ilha, do que o sangue de seu pai, um norte-americano. Por isso ella fez questão, uma vez, de que Carl levasse como amuleto um fetiche dos nativos e não a cruz que elle possuia.

Desde que conheceu, o pastor, Nina nutriu por elle irresistivel sympathia.

Vinham procural-o, prendel-o.

Carl não quiz attendel-a. Nina ficou preoccupada com isso.

Tinha o presentimento de que alguma desgraça ia succeder a seu irmão.

Durante toda a tarde ella ficou na praia, de olhos fitos no horizonte, com o coracão cheio de angustia.

Quando a noite desceu, a escuna em que Carl embarcára regressou, com o aviso de um morto a bordo. Carl morrera! Morrera victimado pelo monstro marinho, a raia gigante, que era a maldição da vida dos homens d'aquelles mares!

Desde então, Nina, revoltada, passou a odiar os sentimentos christãos, que até então tivéra, embora muito fracos. Dedicou-se completamente ao culto dos estranhos ritos a que

Seu irmão fôra tambem victima do monstro maldito

se entregavam os nativos de Portuguia.

Foi num d'esses momentos que ella conheceu o pastor Sims, um sacerdote protestante destacado para o serviço missionario d'aquellas paragens.

Logo no primeiro momento do encontro, ambos se sentiram attrahidos por uma força inexplicavel. Mas Sims não era homem que se deixasse vencer por esses impulsos. Elle bem via que tinha atraz de si aquelle passado negro, que o fizéra estremecer quando, ao saltar em Portuguia lera aquelle aviso publico em que se offerecia uma grande somma pela cabeça de John Dennis, o evadido do presidio da Ilha do Diabo!

Esse evadido era elle proprio!

Ainda impressionada pela morte de seu irmão que tanto amava, Nina ruminava no intimo um desejo de vingança contra o monstro, que infestava aquelles mares. E chega a dizer, então, num momento de desespero, quando se vê cercada por homens que a desejavam:

"Quem me quizer, mate aquella raia maldita! Ficarei pertencendo ao homem que matar aquelle monstro!

Desde esse dia, não poucos homens, dominados pela cubiça d'aquella mulher linda, que a todos allucinava, lançaram-se ao combate, na incerteza das aguas bravias d'aquelle mar e não foram poucos os que perderam a vida nessa luta terrivel.

Deante de tantas desgraças, o pastor interveiu. Elle não poderia consentir nesse prolongamento de loucura d'aquelles homens, unicamente pelas palavras

Nina seguira-o, disposta a tudo para não perdel-o.

Seu irmão despediu-se d'ella com profunda ternura.

— Não — disse Nina — Só pertencerei áquelle que matar o monstro maldito.

desesperadas de uma mulher. E elle a procurou, mas suas palavras não foram bastante fortes para convencel-a, porque Nina, que se sentira fascinada por aquelle homem mysterioso, não attendia a seus pedidos e fazia todo o possivel para o prender com o encanto de seus olhos.

E, de facto, ao fim do encontro, Sims sentiu que estava irreme-

(Continúa na pag. 32).

Nina hesitava ainda em ceder áquella vertigem.

O pastor procurou convencel-a de que era preciso pôr termo á loucura que estava custando tantas vidas.

A melodia do amor

Film da *Columbia Pictures*, com os seguintes

INTERPRETES

Al Tyler — William Collier Jr.
Elsa — Alyce Day
Von Kemper — *John St. Polis*
Joe Yates — *Johnny Walker*
O principe Frederich — *Albert Conti*
Gustav — *Tenen Holtz*
Adolph — *Lee Kohlmar*
Von Bader — *Bertram Marburgh*
O imperador Francisco José — — *Anton Vaverka*
Bachman — *Major Nichols*

Karl Von Kemper, famoso compositor viennense, executava pela primeira vez naquella noite sua obra prima, denominada *A Rhapsodia do Sonho*, num concerto em homenagem aos imperadores da Austria, recebendo então os applausos que o consagram como um genio da musica.

Porem um profundo desgosto o esperava, pois, nessa mesma noite, ao regressar a sua casa, elle encontra sua esposa em situação compromettedora com o principe Frederico.

O compositor fica desesperado e, disparando um tiro contra o rapaz, mata-o. Em seguida, toma a sua filha Elsa, que contava sómente cinco annos de edade, nos braços e foge.

Von Bader, o chefe da policia, scientificado a respeito da morte do principe, sahe á procura de Von Kemper, porem vê baldados todos os esforços, pois o compositor logra fugir.

A indignação do velho artista foi indiscriptivel.

Quinze annos mais tarde, vamos encontrar pai e filha em Nova York, sendo o compositor conhecido agora pelo nome de Von Henkell.

O famoso artista de outr'ora encontra-se neste momento empregado num pequeno restaurante local, denominado "Enrico", onde toca algumas peças de seu repertorio tão apreciado na côrte em que vivera.

Al Tyler, um joven regente de uma orchestra conhecida pelo nome de *Jazzbos* acha-se hospedado num apparta mento da mesma casa em que mora o compositor com sua filha Elsa.

Certo dia, por acaso, Elsa se encontra com o rapaz de quem fica logo gostando. Desejando ajudal-o, ella collabora no preparo de uma

O emprezario insistiu em vão para que Elsa acceitasse um contracto.

A filha de Von Kemper sentia-se irremissivelmente muito attrahida por aquella sympathia.

— Tem paciencia... Eu saberei vencer a resistencia de meu pai.

partitura, que o possa tornar notavel, e, impressionado com a habilidade d'essa moça Yates, o emprezario de Tyler pede a Elsa que consinta em fazer parte do conjuncto da *Jazzbosse*.

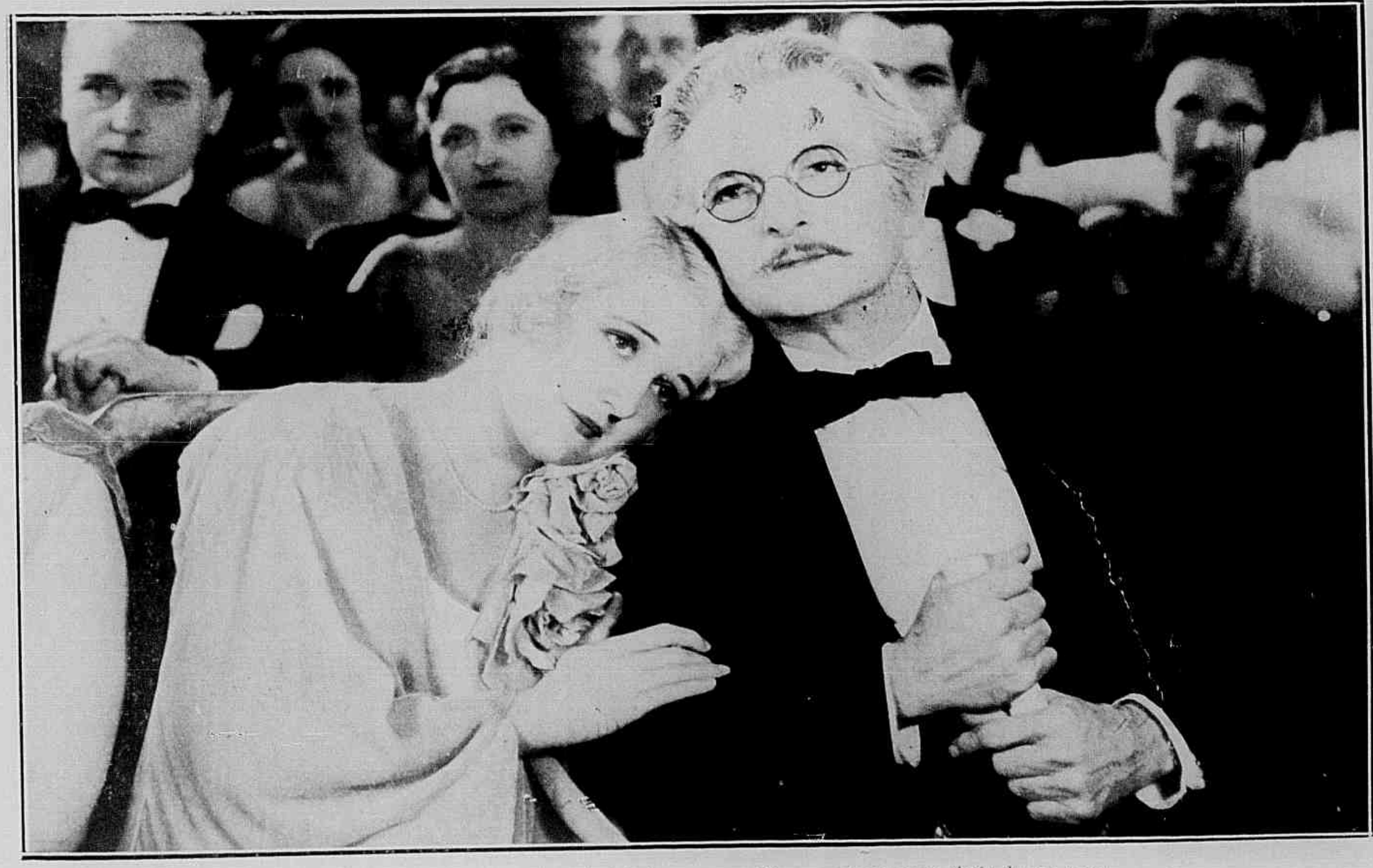
Dias depois, o dono do restaurante "Enrico" contrata o "jazz" de Tyler para tomar o logar que Von Henkell occupa, mas o rapaz recusa acceitar o negocio, pois logo vê as condicções precarias em que ficariam Elsa e seu pai.

O compositer insiste para que o rapaz assigne o contracto, mas prohibe que Elsa se associe ao "jazz".

Elsa, entretanto, continúa a arranjar musicas para o *Jazzbosse* secretamente. Quando Von Henkell vem a saber que sua filha o desobedecia, teve um forte accesso nervoso, e, para lhe mostrar a superioridade das musicas classicas sobre "jazz", elle executa sua obra prima: *A Rhapsodia do Sonho*.

Tyler ouve casualmente a peça musical de Von Henkell e com-

(Continúa na pag. 32).



Von Kemper e sua filha ouviram inebriados a composição que consagrava a gloria de seu nome.

MAURICE CHEVALIER

DE PARIS A NEW YORK

Um ordenado de 200 contos por semana!

(Especial para *A Scena Muda*)

Os olhos inconfundiveis e...

Na vida artistica de Maurice Chevalier, o cançonetista predilecto de Paris, o feliz successor dos Paulen, dos Maydl, dos Dranem, dos Bruant, dos Polin, o actor que no Chatelet de Paris vence actualmente o fantastico ordenado de 200 contos por semana, o capitulo mais interessante será sempre esse que elle escreveu a traços de energia fóra do seu proprio paiz, para conquistar um mundo inteiro de novos admiradores e firmar a supremacia do genio da raça latina, num ambiente que tão pouco o conhece, onde elle tem um *habitat*, senão antagonico, adverso pelo menos.

Seu caso é tanto mais de registrar quanto se ha um artista de feição nitidamente parisiense, nitidamente afastada dos moldes em que os norte-americanos costumam affeiçoar as figuras de que fazem seus grandes idolos, esse artista é claramente Maurice Chevalier.

Isso torna justamente interessante conhecer em seus detalhes a serie de acontecimentos que determinaram na primeira approximação entre elle e a America do Norte e que acabaram resolvendo-o a separar-se do berço da sua gloria, para ir á aventura a um paiz, tão diverso da sua França, conquistar espaços para novos surtos do seu talento.

E' precisamente o que muito bem nos descreve em fulgurante chronica uma escriptora norte-americana, sobre quem elle exerceu esse poder de seducção tão seu e que, havendo-o entrevistado, d'elle colheu informações que só agora pela primeira vez apparecem na imprensa.

A "METRO" ABORDA O ASTRO

O primeiro contacto de Chevalier com a terra que devia ser para elle uma nova Chanaan, foi feito por intermedio do Sr. Irwing Thalberg, um dos directores da *Metro-Goldwyn-Mayer*. Foi elle quem primeiro tentou sondar em Paris as disposições de Maurice em relação ao cinema fallado. Chevalier, que guarda e guardará para sempre a recordação d'essa visita do Sr. Thalberg em seu camarim, na entrevista que concedeu, tentou desde logo desculpar-se da pouca importancia que ligára ao annunciado visitante.

Com sua esposa Yvonne Vallée

"Em França ha dous mundos theatraes. Um é o alli pequeno mundo do cinema. O outro é o mundo do palco. A gente de um e a gente de outro não se conhece. Todos nós conhecemos, é claro, os nomes importantes do mundo que nos é extranho, mas áparte isso, nada mais. Dos nomes norte-americanos, eu só conhecia os das grandes estrellas. O de Irving Thalberg, pese-me embora dizel-o, nada significava para mim. Em Norma Shearer, sim, tinha ouvido fallar, mas nunca a vira no écran e ignorava que a esposa do Sr. Thalberg — linda senhora que ella era! — fosse miss Norma Shearer.

"Vimos o seu espectaculo e cremos que o Sr. tem grandes possibilidades para o cinema — disse-lhe o Sr. Thalberg. Pertenço a uma empreza productora americana e desejava fazer um *test* que...

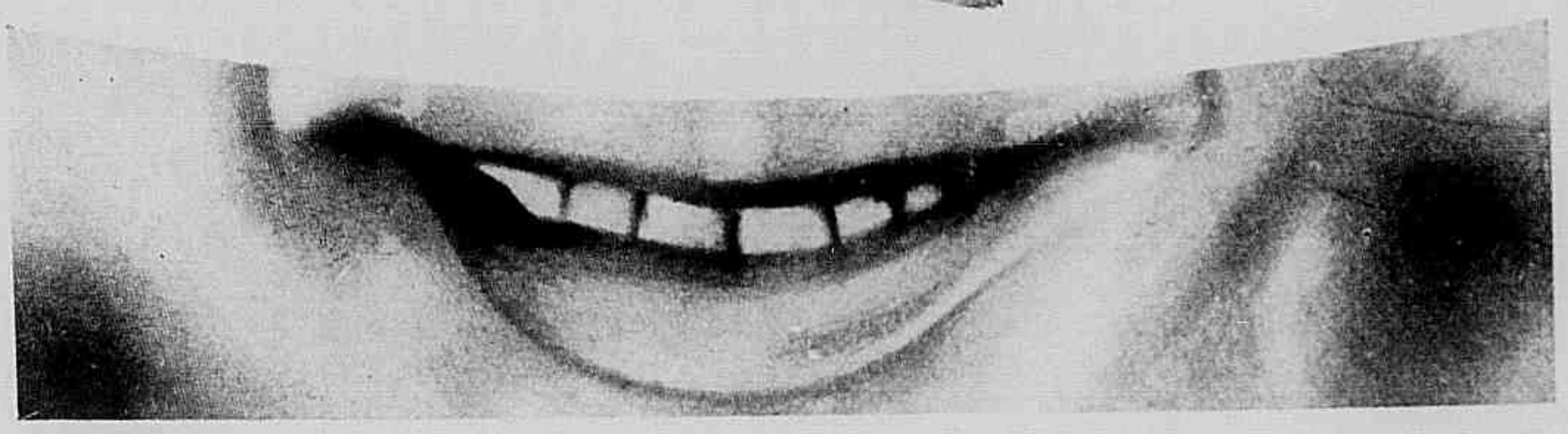
— Logo me veiu á lembrança — disse Chevalier — um *test* que de mim haviam feito em Londres poucos annos atraz, ao ar livre, sem illuminação e com canções perfeitamente idiotas. Ora, eu não queria uma repetição do fracasso; de modo que disse ao Sr. Thalberg: "Agradeço-lhe muito, mas não posso acceitar. Ha já alguns annos fiz um *test* em Londres e não deu bom resultado. Portanto, agora que já me fiz astro em Paris, essa cousa de *tests* já passou para mim...

Se me quizer contractar, contracte-me e se não quizer...

E o gesto das mãos, a expressão dos olhos, remataram a phrase.

Ao alto — O já famoso sorriso.

Em baixo — Um arrufo com a linda Evelyn Brent.



O sorriso sem egual de Maurice Chevalier.

— Não fui razoavel, reconheço. O Sr. Thalberg foi porem razoavel e bom.

— Não se trata de apurar seu talento — disse elle — mas apenas de verificar se seu typo dá ou não no écran. Que *tests* foram esses em Londres? Havia a illuminação adequada? Procuraram auxilial-o?

— Não, não houve nenhuma illuminação especial. Foi tudo feito na rua — disse-lhe eu.

— Mas agora o caso é outro — insistiu o productor americano; trouxe commigo um *cameraman*, de maneira que os nossos *tests* seriam feitos com o concurso de quanto na America sabemos sobre o modo de illuminar uma figura e dar-lhe o devido destaque."

O Sr. Thalberg mostrava-se muito affavel e paciente, mas suas palavras me enthusiasmaram. Se o *test* désse máu resultado, eu me sentiria diminuido perante mim mesmo pela consciencia de que não servia para o cinema. Sentia-me feliz com o meu trabalho no theatro: porque me havia de arriscar a uma tentativa em que talvez não pudesse triumphar? Assim, respondi que reflectiria; mas no meu intimo o que eu dizia era: "Adeus para sempre Sr. Thalberg".

D'esta vez o sorriso foi mal recebido.

O prestigioso uniforme a... *Alvorada do amor.*

INTERVEM UM AMIGO

Depois que elle partiu, alguem me disse:

— Sabes quem é esse sujeito?

— Sim, sei que elle pertence a uma firma cinematographica da America.

— E' um dos directores da *Metro-Goldwyn-Mayer*, é moço ainda, mas muito habil e muito importante. Não agiste bem: mesmo os melhores actores têm que ser submettidos a *tests*.

Reflecti sobre essas palavras e reconheci que fizéra tolice e convidei o Sr. Thalberg a vir fallar commigo outra vez. "Desculpe-me — disse-lhe então — " Mas eu não o conhecia bem. Nós em França vivemos como num outro mundo. Agora sei quem o senhor é e farei o *test* amanhã se assim o desejar. Mas com uma condição: Quero uma prova do *test*. Comprehende, não quero ficar sem uma ideia do que fiz. Quero vêr com meus olhos, se dou ou não dou para o écran; quero verificar o que valho e o que não valho. E se reconhecer que não tenho possibilidades para o cinema, ficarei no meu paiz.

Assim foi combinado. Chevalier fez o *test* no dia seguinte e os Thalbergs seguiram viagem para Baden-Baden. Foi d'alli que veiu o *veredictum* duas semanas depois: "Vimos o seu *test*. Suas possibilidades, em minha opinião, são excellentes.

Fiz passar o *test* no apparelho e pareceu-me bom, gostei. Eu não era nenhum typo romantico, mas podia agradar.

Pedi a Douglas Fairbanks, que estava em Paris, que examinasse o *test* commigo e me dissesse francamente que tal lhe parecia.

Fairbanks viu-o e disse-me:

— Tire da cabeça que não dá para o écran. Dá muito bem. Assigne o seu contracto, vá-se embora e verá que não chega para as encommendas!"

OFFERTA REGIA...

Animado por estas palavras, Chevalier casaiou com o Sr. Thalberg as condições do contrato. A esse tempo, ganhava elle no *Casino de Paris* o que se poderia chamar, para a França, senão para Hollywood, um ordenado enorme! O Sr. Thalberg offereceu-lhe, em nome da *Metro*, exactamente metade do que elle ganhava.

Chevalier objectou:

— Mas eu não posso sahir de Paris, manter aqui minha casa com todas as despezas e ir para a California ganhar metade do que eu ganho em França!

— Mas nós não podemos pagar-lhe cousa aproximada do que ganha aqui. E nunca houve uma estrella em Hollywood que recebesse um ordenado como lhe estou offerecendo, sem primeiro provar que era um verdadeiro chamariz de bilheteria!

— Pois então... agradeço-lhe muito, mas ficarei onde estou. Ou vou pelo mesmo ordenado que tenho aqui ou não vou. Peço-lhe que entenda bem o meu ponto de vista: não lhe estou fazendo exigencia alguma. Estou dizendo, simplesmente, que não posso, tendo que arcar com maiores despezas, receber menos do que actualmente ganho. Se não me pode dar isso, ficaremos amigos como dantes e nada mais.

Começou então um vai-vem de telegrammas entre Thalberg e seus companheiros de direcção e elle foi autorizado a offerecer a Chevalier apenas uma somma inferior de 500 dollars á que elle

Maurice Chevalier e sua esposa, que chegou recentemente a Hollywood, para trabalhar com elle em um novo film.

Bebé Daniels e **Ben Lyon**, photographia feita apoz a cerimonia de seu casamento.

havia pedido. Mas Chevalier permaneceu inabalavel.

— Está muito bem — disse Thalberg. — Vou a Hollywood e empregarei todos os esforços para que acceitem a sua proposta. Tenho a certeza de que convencerei a minha gente e em breve lhe mandarei um telegramma sobre o assumpto.

Thalberg partiu e Chevalier não mais teve noticias d'elle. Os telegrammas do actor francez não tiveram resposta. Por ultimo elle enviou um despacho decisivo: "Queiram telegraphar sim ou não, pois preciso tomar compromissos para a proxima estação". E nenhuma resposta veiu ainda d'esta vez!

Sahe a "Metro". Entra a "Paramount"

Assim, quando poucas semanas depois lhe foram dizer no theatro que o Sr. Lasky lhe queria fallar, Maurice nem pestanejou.

—Tinha perdido a fé—disse-me elle— Reflectia dé mim para mim: Se o outro não achou que eu valesse sequer o mesmo ordenado que ganho em França, porque ha de este pensar de modo diverso?

Veiu ao proscenio e cantou suas cançonetas com a verve habitual, o *entrain* de sempre. Não as cantou nem para Hollywood nem para o Sr. Lasky; cantou-as para seus amigos, que nunca o desapontaram como elle nunca os desapontou.

E as canções sahiram-lhe bem. Pelo menos para o Sr. Lasky que, pouco apoz terminar o acto, batia á porta do seu camarim.

— Gosto do modo como o senhor canta as canções americanas, — disse o productor norte-americano. — Quer ir amanhã conversar commigo sobre fitas e cinema? Estarei em Paris uns trez dias.

— Pois sim, irei, Sr. Lasky — respondeu Chevalier — e farei ainda mais: poupar-lhe-hei o trabalho e o dinheiro com *test* indispensavel, pois lhe mostrarei um que de mim foi feito, ha apenas dous mezes.

Duas horas depois de ter visto o *test*, o Sr. Lasky me fazia assignar o contrato com o mesmo ordenado que eu ganhava em Paris.

Chevalier resolve-se

Hoje Chevalier classifica o Sr. Lasky uma das cinco pessoas que exerceram influencia decisiva em sua carreira. São ellas J. W. Jackson que o ensinou a dansar; Norman French, que creou em Paris a comedia dansante, por elle imitada depois; Mistinguette, que o fez seu *partenaire* tanto antes da guerra como depois que elle sahiu de um campo de prisioneiros de Alten Grabow. Ronald Kenned, o mestre-escola que alli lhe ensinou inglez; e, finalmente, Jesse Lasky, que o levou á America e cujo bom senso teve tão generosa recompensa.

E' preciso dizer, entretanto, que, mesmo na America, nem tudo foi de rosas para Chevalier, que pisou Hollywood sem que isso provocasse a menor demonstração de alegria. Tantas outras celebridades européas alli haviam chegado em meio a uma desinsoffrida atoarda de publicidade e tinham sido em pouco tempo descartadas como inutilidades!

Seu primeiro contacto com a sociedade de Hollywood teve por pretexto um almoço offerecido aos jornalistas locaes. Era a primeira multidão americana que elle tinha que enfrentar e enfrentou-a, como depois enfrentou todas as outras. Conversou com todos, prendeu a attenção de todos, cantou para todos, seduziu-os todos e assim ganhou sua primeira victoria. Por sua parte, logo se empenharam os homens da imprensa em lançal-o perante o publico, com toda a energia de que dispunham. Fizeram-o, não só porque esse era o seu dever jornalistico, como tambem porque sabiam que Maurice representava um emprego de capital que promettia recompensar decuplicadamente todo o trabalho que lhes désse.

O primeiro film um máu quarto de hora

Começou então a filmagem de *Innocentes de Paris* e tão depressa foram vistas as primeiras scenas, logo a *Paramount* declarou a Chevalier que optava por um anno de contrato, com um pequeno augmento de vencimentos. Já era alguma cousa, porque demonstrava a fé que a *Paramount* depositava nelle. Mas seria assim com essa quantidade desconhecida, o publico norte-americano, de cujas mãos pendia a sentença final que, nada sabia a seu respeito, com quem elle não tinha ligações de especie alguma?

Chevalier assistiu ao "preview" do seu film com as mãos humidas e o suor a pingar-lhe da testa. O theatro regorgitava de uma multidão normalmente composta, na qual figurava não poucos technicos e directores da *Paramount*. Chevalier, nervoso demais para tolerar alguem junto de si, ficou de parte, afastado dos seus proprios amigos.

— Era uma especie de *première*, mas sem que pudesse estar eu proprio no palco para vêr como iam as cousas e mudal-as um pouco aqui, um pouco alli. O que estava feito, estava feito, definitivamente feito, incapaz de soffrer alteração. Era-me permittido olhar, escutar, mas afóra isso, só me era permissivel continuar quietinho na minha cadeira, sem fazer cousa alguma! Uma situação terrivel, um verdadeiro supplicio!

Primeiro appareceu na tela seu nome: "Maurice Chevalier em *Os Innocentes de Paris*".

— Quando a minha figura appareceu, relatou Maurice, nada aconteceu, nem podia acontecer, porque aquella gente nem me conhecia, nem sequer tinha jámais ouvido fallar em mim. Tão pouco o cavalheiro que lhes apparecia era nenhum Adonis: era um homem como outro qualquer. Decorrido porem um minuto, comecei a notar no publico um principio de reacção — um sorrisinho aqui, uma risada acolá. Quando cantei (*Comment? Qui est-ce? Papa?*, os espectadores já riram e até applaudiram. Comecei a dizer de mim para mim que a cousa ia bem e cheguei a rir eu proprio. E reflectia: se aquelle sujeito alli não fosse Maurice Chevalier, eu tambem o acharia interessante. D'essa reflexão arrancaram-me duas palavras pronunciada atraz de mim...

— Que horror!

— Foi como um balde de gelo que me tivessem despejado sobre a cabeça — conta Chevalier. Voltei-me e dei com os olhos num typo americano de terceira ordem, acompanhado pela respectiva pequena e pintada em seu rosto uma expressão de colera escarninha, como se fosse o pavor dos meus inimigos. As minhas esperanças desvaneceram-se de prompto: — afinal, quem sabe se essa platéa estava apenas sendo amavel por que me sabia extrangeiro e por bondade se me mostrára sympathica, muito embora, em seu intimo, me classificasse um "horror", como o espectador collocado atraz de mim!

Continuou a rodar a fita e espoucou um riso aqui, outro acolá e esses risos vinham nos momentos justos, demonstrando que o film ia tomando conta do publico e empolgando-lhe o interesse. A expressão das physionomias transmuda-se: vê-se que os espectadores se interessam, os olhos se lhes accendem e depois, quando eu cantei para o garôto que chorava *"Dites-moi ma mére"* os assistentes bateram palmas tão fortes, que mal se pode escutar o fim da canção. Alguem a meu lado applaude tambem com força. Volto-me e quem ha de ser senão o camarada que ha pouco me chamava "um horror"? — Muito bom, muito bom, mas ao principio — dizia o sujeito abanando a cabeça — o homemzinho ia mal mesmo!

— Qualquer se daria por satisfeito e prophetisaria, á vista d'isto, que as cousas iriam bem até ao fim. Mas eu continuava nervoso, tão nervoso que não consigo esperar pelo fim e fujo do theatro antes de acabar o film. Mais tarde dizem-me os amigos, a quem encontro, que foi um grande exito. O mesmo me dizem os jornaes no dia seguinte. E é um verdadeiro torneio da bondade, chegando alguns a destacar-me do film, proclamando que eu tenho o que na America elles chamam "the stuff".

Entretanto, qualquer que tenha visto *Os Innocentes de Paris*, ha de reconhecer que a primeira producção offerecida a Chevalier para sua apresentação não passava de um assumpto sentimental, uma historia choramingas, fadada senão ao fracasso, ao exito mediocre de todas as producções vulgares. Mas Chevalier não tomando a serio nem o film nem a si mesmo, fez do que era um melodrama uma comedia esfusiante, recheiou-a com sua graça, os attractivos da sua personalidade e assim transformou *Innocentes de Paris* numa producção que a imprensa e o publico, os leigos e os profissionaes acclamaram como um dos grandes exitos de 1929.

O segundo film: Chevalier banca o principe

A escolha do segundo film revestia importancia ainda maior, pois era necessario crystalisar, consolidar a popularidade que Chevalier ganhára com sua fita de apresentação. Lubitsch, que o vira trabalhar em *Innocentes de Paris*, foi procural-o e disse-lhe: "Tenho um papel para o senhor no meu proximo film *Alvorada do Amor*. Quer trabalhar commigo?

"Seria uma grande honra para mim trabalhar sob sua direcção. E de que papel se trata? — respondeu Chevalier.

Quando porem veiu a saber que era o papel de esposo de uma rainha, o que o obrigaria a vestir pesados e complicados uniformes, para logo abanou a cabeça. "Eu não dou para essa coisa de principe. Com um uniforme nas costas, não sou capaz de um gesto elegante. Assim, agradeço-lhe muito o seu honroso convite, mas não posso acceital-o."

— Eu proprio me sentia profundamente desapontado, disse-me Chevalier, pois nada me seria mais agradavel que trabalhar com Lubitsch. Mas eu não dou para armar em moço bonito. As mulheres gostam de mim, parece, porque eu as faço sorrir, mas nunca se ouvira nenhuma dizer: "Ah, esse Chevalier, que encanto!

— Quando vem uma scena dramatica, não me sinto á vontade. Procuro represental-a com naturalidade, como a sinto, como ella se passaria na vida, com um pouco de *humour*, se possivel, pois, muito embora não tenha sido tão risonha assim a minha vida, sempre encontro em tantas cousas sérias algo de comico e grotesco. Com tudo isso, porem, não gosto d'esses papeis dramaticos; prefiro quasi sempre e papel de um individuo bem simples.

Lubitsch não se resignou a acceitar a resolução de Chevalier e, voltando dias depois, pedia licença para dar uma ideia do argumento. Ouvindo-o, Chevalier começou a se interessar.

— "Vejo que comquanto esse sujeito seja um principe", o que com elle acontece poderia igualmente acontecer com um homem qualquer. Afinal, trata-se de uma mulher que quer vestir as calças do marido e da luta que entre os dous se estabelece. Do argumento, gosto. Do que não gosto é d'esse grande palacio, d'esse casamento de luxo, dos uniformes, etc. Acho que sou por demais do povo para que possa parecer alguma cousa mettido nesse uniforme. Farei porem o seguinte: tirarei uma photographia vestido com esse uniforme e verei que tal me pareço. Se eu parecer acceitavel a mim mesmo, representarei o film pelo interesse humano que elle contem.

Tiraram-se as photographias: Lubitsch ficou positivamente encantado e o proprio Maurice reconheceu que sua figura não apresentava a rigidez antecipada.

O que depois aconteceu, quando foi lançado *Alvorada do Amor*, pertence á historia do cinema contemporaneo — a imprensa despejando columnas e mais columnas de calorosos elogios e treze semanas de exhibição em Broadway com casas a transbordar; no firmamento do cinema esse astro radiante que com dous films apenas se elevára a um zenith onde raros, talvez nenhum, lhe pudesse disputar o dominio e um contrato cancellado no escriptorio da *Paramount* e substituido por outro, para quatro films mais, com um formidavel accrescimo de vencimentos.

O primeiro d'esses será *Um romance de Veneza*; o segundo será *O Café do Felisberto*, em filmagem agora sob a direção de Ludivig Berger, que ha tão pouco dirigiu *O Rei Vagabundo*. E' como que uma *entente cordiale* de que neste momento são theatro os *set* da *Paramount* em Hollywood: Berger, o veterano da guerra da Allemanha, dirigindo primeiro Dennis King, o tommy britannico e depois o ex-*poilu* Maurice Chevalier que, seja dito de passagem, vai ter agora em *O Café do Felisberto* o manjar do seu

gosto, o typo popular de um criado de café, amigo de rir e de cantar.

CHEVALIER DE PERTO

Um dos traços mais sympathicos da personalidade de Chevalier é sua simplicidade, sua extrema bondade, especialmente para com os humildes. A este proposito recorda-se que, quando *Alvorada de Amor* estava em filmagem, elle enfiou uma das mãos num arame que por negligencia estava espetado, d'ahi lhe resultando um doloroso ferimento. Em meio á commoção que o facto causou no studio, ouviu-se um mecanico commentar o caso, dizendo:

— Isto não devia acontecer a este, mas sim a um d'esses perús emproados que andam empestando o studio com a sua immensa importancia!

De tudo quanto se relaciona com o trabalho de artista de cinema, o que mais o impressionou, logo apoz chegar, foram as aggressões da publicidade. Não preparado para os processos de publicidade americana, bom trabalho deu elle á gente da *Paramount* para obter o rendimento da mina de ouro que tinha nelle! Maurice achava que seu trabalho valia pelo que na realidade era e não precisava da contribuição de reclame com que queriam dar-lhe apoio. Foi um *tour de force* subjugal-o aos processos americanos e casos especificos houve um que elle de modo nenhum se deixou subjugar.

De Chevalier muita cousa se tem dito em seu desabono: uma d'ellas é que elle é um máu homem de negocios; mas basta lembrar que elle alcançou que a industria automobilistica do oeste lhe pagasse vinte e cinco mil dollars para servir de mestre de cerimonias, uma semana, na sua exposição, do que resultou a cifra de rendas exceder então alli por 80% acima do anno anterior, para reconhecer que elle sabe dirigir os seus interesses muito melhor do que se diz.

Outro mal de que o accusam é a falta de generosidade, mas não corrobora essa accusação o facto de manter o *chansonnier* ha muitos annos, em Paris o *Dispensaire Maurice Chevalier*, ao qual, só nos trez primeiros mezes d'este anno, elle já remetteu cerca de cem contos de nossa moeda.

A RAZÃO DO EXITO

Admittidas que sejam porem estas inferioridades em Maurice Chevalier, é ainda o caso de perguntar, que ha neste homem capaz de conquistar em poucos mezes o coração de um paiz inteiro? que é o que leva os criticos mais comedidos a alinharem em sua honra os mais exaltados adjectivos? que é que atrahe ao cinema, com elle, individuos que, sem elle, jámais se lembrariam de ir ao cinema? Porque é que sua apparição, numa revista cheia de figuras as mais populares, é logo acolhida com freneticos applausos? Como operou elle o milagre de arrastar noites e noites a um theatro de New-York multidões dispostos a pagar preços maximos para lhe ouvirem as canções, durante meia hora?

E Ida Zeittin encerra o seu artigo dizendo:

"A resposta não pode ser dada em duas palavras. Mas quem o tivesse visto, como eu vi, no *lot* da *Paramount*, cantar uma canção brejeira para a versão franceza de *Um Romance de Veneza* e testemunhasse o effeito d'essa canção sobre as pessoas, que o ouviam, muito embora não entendessem patavina do que elle dizia; quem tivesse presenciado a ampla expansão d'aquelles rostos quando elle batia o pé e vociferava, numa caricatura de colera, a proposito de não sei que; quem pudesse ter sentido a exaltação que transportava o coração de todos os presentes e os fazia uma só alma ao tempo em que Chevalier atirava os braços, a voz, o sorriso, numa derradeira explosão de triumpho...

Quem, sobretudo, ao fim da canção, tivesse visto como eu vi aquella gente mudar scenarios, reajustar as cameras, reconstituir a *maquillage* com os olhos ainda accesos, com os corpos ainda embalados no rythmo da canção, trauteando-a, assoviando-a, parodiando-a a rir; quem tivesse podido receber o conforto d'aquella atmosphera de alegria, de felicidade, de affectividade humana, que afinal era obra de um só homem, comprehenderia então porque foi Maurice Chevalier classificado o rei dos *enterlainers* o maior chamariz de bilheteria que a *Paramount* ou qualquer outra productora teve jámais a fortuna de contractar.

Corajosamente, para salval-o, Rita resistiu a suas supplicas.

Romance

(Continuação da pag. 13.)

tativas da cidade alli estavam, cummuladas de gentileza pelo finissimo cavalheiro, que era Cornelius Van Tuyl; mas, não obstante todos os muitos attractivos, as muitas diversões, que até á meia-noite, haviam deliciado os convivas, notava-se entre elles alguma anciedade.

E' que fôra annunciada a presença da grande cantora Rita Cavallini e, até aquella hora, elle não apparecera. Todos experimentavam já enorme impaciencia, com excepção de Tom Armstrong, o sympathico pastor de S. Giles que, até então só se preoccupára com aconselhar um grupo de convivas a não usar a maledicencia e a colher em seus olhos a ternura do olhar de Susan Van Tuyl, a encantadora filha do Sr. Cornelius. Não tardou, porem, que os convivas se vissem compensados da grande espera. Rita Cavallini entrára á uma hora, no riquissimo salão e, linda, como nunca se mostrára mesmo no seus grandes dias da Opera.

Apenas Tom Armstrong não a vira entrar, porque decididamente não tinha o menor interesse em conhecer aquella mulher de quem tanto ouvira fallar mal.

Uma hora depois, estava elle sózinho num salão do palacio, quando irrompeu do jardim a figura alegre, fascinante, de uma mulher, que o envolveu com um olhar de espanto e ao mesmo tempo de ternura. Era Rita Cavallini. Expansiva, de um temperamento franco, Rita dirigiu a palavra ao pastor, que ella verificou, logo, ser uma creatura ingenua, timida para com as mulheres.

Em pouco tempo se fizeram bons amigos. Rita divertiu-o com sua conversação, cheia de vida e elle disse quem era. Para se divertir, Rita fallou em si propria, pois Tom Armstrong ignorava que a mulher que tinha deante de si era a grande cantora. Não tardou que o joven pastor visse em Rita Cavallini a mulher de seus sonhos. Sim, era bem assim a creatura com quem elle sempre sonhára em sua ingenuidade. Terna, alegre, delicada, cheia de vivacidade sã como as flôres dos campos que o sol mais caustica com a sua luz cheia de força. Ella tambem sentira, num momento, quanta felicidade seria em ser amada por um homem assim, um homem que não exteriorisava a malicia de todos os outros que, desde a adolescencia, a envolviam com as mais ardentes promessas de amor, mas tambem com as mais desconcertantes mentiras.

Durante muitos minutos ficaram elles, sós, no salão em penumbra. Num momento, quando Rita Cavallini, tomando de umas orchideas atiradas sobre uma mesa, innundou de petalas lilazes seu collo magnifico, Tom sentiu desejos de cahir a seus pés, implorando-lhe amor e implorando-lhe, tambem, que não se risse mais de sua ingenuidade. Estava conquistado, estava louco de amor. Quando ella sentiu que deviam separar-se, porque os convivas chegavam ao pequeno salão, pediu a Armstrong que lhe perdoasse aquelles gracejos innocentes. Ella era assim mesmo: brincava com todos, de todos ria, mas fazia o possivel por querer bem a todo o mundo. Elle seria um seu bom amigo, estava certa.

E naquella noite, não foi mais possivel a Tom Armstrong trocar uma palavra com a deliciosa creatura que o perturbára com sua belleza e sua graça. Ao fim do baile, graças a Cornelius Van Tuyl, elle soube, estupefacto, que a mulher por quem se apaixonára não era outra senão a grande, a famosa Rita Cavallini!

O idyllio continuou, porem presos como estavam ambos, á mesma allucinação de amor. Rita Cavallini sentira que chegára a grande festa para o seu coração. Nunca em sua vida, sempre cheia de glorias e de applausos, se sentira tão feliz. Para Tom Armstrong tambem, a vida nunca lhe sorrira tanto. Era com enthusiasmo ainda maior que elle pregava, agora, o evangelho; era com maior ternura que fallava aos descrentes e consolava os desanimados. O amor era bem o que ambos desejavam, era bem o de que ambos precisavam, para que se julgassem as creaturas mais felizes. Não tardou que Rita Cavallini, entretanto, sentisse que não poderia ser feliz e ia fazer a infelicidade de Tom Armstrong.

E' que ser sua esposa, ella nunca poderia, porque era uma actriz e elle um pastor protestante. Alem d'isso, sentia que talvez não pudesse abandonar aquella vida, mormente porque não sentia confiança em Armstrong, para o caso de ser necessario contar-lhe o que fôra seu passado... Todos os encantos d'aquelle amor, que havia dado uma felicidade momentanea a Rita Cavallini, eram, agora, para ella, causa de uma tristeza que não podia vencer.

Seu primeiro impulso, num d'esses momentos de angustia, foi procurar o Sr. Cornelius Van Tuyl, seu grande amigo.

— Se o amas, deves deixal-o, para não martyrisal-o, foram as palavras de Van Tuyl, respondendo á confissão de Rita Cavallini, que lhe disséra amar Tom Armstrong, mas achar melhor não vel-o mais, porque elles nunca se poderiam unir.

Ficou combinado, então, que Rita não receberia mais em sua casa o pastor. Nesse proposito ella ficou durante alguns dias, mas não resistiu por mais tempo e foi ella propria quem procurou Tom com o pretexto de levar rosas

á Sra Armstrong, tia do pastor. De novo elles se sentiram na voragem da paixão a que não poderiam resistir, por mais que se esforçassem. Rita, decidiu, entretanto, fazer o grande sacrificio e confessou a vida que levára até então. Tivéra muitos amores, fôra uma louca, durante os dias da sua mocidade. Era a elle que amava verdadeiramente, sim, mas não poucos homens poderiam gabar-se de ter ouvido suas palavras de amor. Isso seria uma humilhação para elle...

Essas palavras não impressionaram o pastor. O arrependimento de Rita redimira-a de todas as faltas. As palavras com que elle lhe disse isso, encheram-a de felicidade, marejando-lhe de lagrymas os lindos olhos, mas em seu coração ainda havia alguma cousa que ella não poderia occultar a seu amado. Seus labios balbuciaram, por isso, algumas palavras sobre Van Tuyl, mas logo ante a surpreza assustada de Tom, ella se refez e mentiu para evitar uma desillusão ao homem que a adorava. E jurou, então, que nada houvera entre ella e Cornelius Van Tuyl...

Ficou definitivamente ajustado o noivado, mas Rita que agora até de suas glorias no palco se olvidava, a ponto de não comparecer aos ensaios nem se apresentar nas grandes representações — viu, sentiu que não poderia ser a esposa do pastor. Não, ella sentia que Tom não seria feliz, fazendo-a sua esposa. Ella seria uma esposa que elle não poderia apresentar a todos os homens! Inutilmente, Tom a procurou durante dias e dias seguidos.

Emquanto isso, Cornelius Van Tuyl era a alma bôa que a consolava de todas as angustias.

O pastor encontrou-a, afinal, porem estava irreductivel no proposito de sacrificar-se.

— Veiu a pé, com essa neve? — perguntou ella, afflicta, temendo mais uma vez não poder resistir á ternura com que elle lhe fallava.

— Esqueci-me de tudo, pensando em ti — respondeu elle — Uma mulher fallou commigo e no rosto d'ella vi o teu semblante. Um mendigo me pediu uma esmola — com tua voz! Em todas as mulheres eu vi as tuas feições!

Ella lhe pediu, então, que salvasse a sua alma. Não lhe fallava como sua amada, mas como uma mulher do mundo, que pedia consolo e luz para a alma.

Durante alguns minutos ficaram silenciosos, então. Tom orava em pensamento. Ella, olhos fitos para o alto, sentia inundar-se de luz seu coração, sentindo tambem, na tristeza que jamais a abandonaria, a alegria de cumprir seu dever, sacrificar-se pela felicidade do unico homem que amára...

* *

"Ainda me lembro d'ella, orando a meu lado, continuou o bispo. Alguns annos depois, casei-me com Susan Van Tuyl".

O neto perguntou,

"E Mme. Cavallini?" Apanhando um jornal que lhe estava proximo, o bispo respondeu, lendo:

"Rita Cavallini, famosa cantora de ha cincoenta annos passados, falleceu hontem no Convento de Genebra".

A essas palavras seguiu-se um demorado silencio, que só foi quebrado quando, abraçando o joven Harry, o bispo disse, com a voz tremula.

— Se gostas d'ella, Harry, e se ella te ama, não aceites conselhos de ninguem. Peçam vocês mesmos a Deus.

Bessie Lowe

(Continuação da pag. 6.)

— Progredindo... — respondeu-me em uma lingua parecida com o castelhano... — Já sei dizer varias cousas.

— Vamos vêr...

Bessie recitou-me algumas cousas, que não quero reproduzir temendo provocar o rubor dos leitores que, de verdade, saibam hespanhol. Eram uns versos cynicos decorados de alguma revista um tanto livre, ignorando, sem duvida, sua significação.

— Não devo dizer isso?

Perguntou, abrindo muito os olhos, assustada ante a perturbação que notou em meu semblante.

Anoitecia. De volta para Los Angeles, pelo Boulevard Sunset, negro e lustroso, fui pensando em tudo quanto minha amiguinha me disséra. Pensava na facilidade de sua entrada para o dominio encantado dos studios, cuja noticia alentará, sem duvida, a tantas aspirantes...

A' minha esquerda, sobre montes escarpados, brilha em lettras de fogo, um lettreiro enorme, clarissimo, apezar das muitas leguas a que está collocado e que reza: — *Hollywoodland*.

E' como a torre biblica de Babel, uma amostra da soberbia e do orgulho humanos. O homem escarpou a montanha para collocar em seu cume essas lettras gigantescas, que indicam ao mundo a terra de promissão.

Se eu pudesse collocar alli algum lettreiro... Ah! Por certo, escreveria com lettras de duplo tamanho, voltadas para o sul, para a America Latina, sonhadora e enthusiasta:

"Não venham a Hollywood!"

Braço protector

(Continuação da pag. 17.)

horrorisado aos policiaes do local e pede-lhes que o acompanhe para soccorrer Kirk e encontrando o detective conta-lhe tudo.

Kirk, como um louco, corre e chega a tempo de impedir o casamento.

Então os policiaes se apossam de Laforte, contra o qual Kírk possue agora provas esmagadoras e Madge sorrindo á felicidade, que lhe chegava então, cahe nos braços de Kirk, seu amigo e defensor, que ella terá para toda a vida a seu lado.

Caninos no cinema

(Continuação da pag. 21.

custa de pancada. De repente, o animal scisma em fazer mal algumas das scenas mais culminantes e não ha poder na terra que lhe restitua a efficiencia. O unico cão com que se póde contar é aquelle a quem se amestrou com paciencia, de maneira ao animal sentir prazer em seu trabalho.

Por exemplo, quando "Buster" passa varios dias longe da machina cinematographica, torna-se inquieto. Corre constantemente á porta e volta cabisbaixo como querendo dizer: "Então! Que estamos fazendo aqui?" Os cães ficam orgulhosos quando aprendem a fazer alguma cousa e ficam lisongeados com os elogios. Elles sabem muito bem quando estão representando mal. Se "Buster" representa bem alguma scena, salta em seguida sobre seu dono, para que este o beije. Se fracassa, vai esconder-se num canto. Todos os cães demonstram essa impressão mais ou menos do mesmo modo.

Renfro affirma precisar de mais ou menos nove mezes para trenar um cão e conseguir que elle effectue qualquer trabalho num film sem ordens verbaes de seu dono. E' conveniente começar a ensinar os cães desde a edade de dous mezes, comquanto elles nunca comecem a aprender senão depois dos quatro.

Nenhum cão deve ser trenado mais de trez horas por dia, com curtos intervallos. Sob um intenso treno um cão pode aprender num mez os doze movimentos mais simples: sentar, andar nas duas patas, rodar-se pelo chão, etc. Se o cão é duro de aprender, não se deve espancal-o. A voz aspera do dono é o sufficiente. Os cães distinguem muito depressa a differença entre o applauso e a censura e gostam de ouvir palavras carinhosas e elogiosas.

Monstro marinho

(Continuação da pag. 25.

diavelmente preso aos dominio d'aquella mulher.

Mas na ilha havia alguem que conhecia perfeitamente o "pastor" Sim e lembrou a um companheiro a ideia de entregal-o á policia franceza, pelo que receberiam doze mil dollars.

Victima de uma emboscada, Sims foi seguro pelos dous homens, mas Nina seguiu-o.

Pela madrugada sahiu de Portuguia um barco com as quatro creaturas.

Em meio da viagem, entretanto, surge a Raia Gigante. O barco virou e os dous inimigos de Sims foram devorados pelo monstro terrivel.

Sims luta por sua vida, como pela de Nina. Sentem-se salvos, horas depois e com a salvação voltam á paz e ao amor.

Sims estava regenerado. Seu soffrimento fora o castigo de seu crime, de que elle já estava redimido. E Nina seria feliz, por certo.

Melodia do amor

(Continuação da pag. 27.)

prehende que, transformada e adaptada ao estylo do "jazz" ella causará verdadeira sensação.

Elsa já compromettida para casar com Tyler, ambiciona tambem seu exito e não imaginando que punha em perigo a vida de seu pai, consente em collaborar no arranjo proposto por Tyler.

Quando *A Rhapsodia do Sonho*, agora conhecida com o nome de *Rhapsodia do* Jazz é executada á revelia de Von Henkell pela orchestra de Tyler num concerto onde o velho é proclamado o maior compositor musico do dia.

Von Buder, o antigo chefe da policia, que alli se encontra por accaso reconhece no grande compositor o assassino do principe Frederico e d'á-lhe voz de prisão.

Von Henkell, submette-se pacientemente, porém, roga-lhe que deixe sua filha, ignorando o facto dizendo-lhe que elle tem de partir afim de emprehender uma missão urgente.

Depois despede-se de Elsa e parte afim de seguir seu destino...

Cartomancia

(Continuação da pag. 4.)

ção de fortuna. Um outro homem que lhe deseja bem ha de ficar doente porem sem gravidade. Vejo bom resultado em negocios em companhia de um homem claro que parece estrangeiro. Ventura continua terá no futuro.

N. 349 — Sonhadora Ingenua (*Nictheroy*) — Uma mulher falladora, por ciumes, procurará intrigar um mancebo de bôa posição de fortuna e que a estima. Um outro homem idoso que lhe deseja bem, ha de fazel-a feliz. Pela porta da rua virá uma noticia agradavel trazida por um amigo sincero.

N. 350 — Souzaphone (*Bruque — Sta. Catharina*) — Nessa habitação um máu homem terá ciumes por causa d'esse mancebo seu amigo. Um outro homem que lhe deseja o bem ha de fazel-o feliz em negocios. Vejo uma viagem projectada que dará bons resultados futuros. Uma mulher que o estima soffrerá com esta ausencia, derramando lagrymas.

N. 351 — Dolores de Lys (?) — Uma mulher que lhe deseja mal adoecerá gravemente fóra de casa. Vejo bom exito em seus negocios, dinheiros grandes e melhoria de posição no futuro. Um homem da lei lhe offerecerá um mimo de amor com cinco sentidos fóra de casa. Será muito feliz ainda.

N. 352 — Felicio Schumacker (?) — Uma mulher de má lingua fará intrigas, procurando manchar sua reputação. Deve ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom pensar. Em um banquete terá agradavel noticia e lhe será feita, por uma joven, tentadora jura ou promessa. Brevemente haverá lagrymas e ciumes por sua causa.

N. 353 — Ernani Schakespeare (?) — Vejo no futuro uma trahição e uma surpreza, apoz uma longa ausencia de uma pessôa de sua amizade. Terá um ligeiro constrangimento por causa de um rival que lhe arranjará uma intriga com uma mulher que lhe deseja bem. Brevemente irá receber dinheiros pequenos.

N. 354 — Cottage (*Juiz de Fóra*) — Vejo uma viagem inesperada de pessoa amiga que causará lagrymas e tristezas. Terá de receber dinheiro de um homem de negocios que zela pelo seu futuro e interesses. Vejo um matrimonio breve por paixão e com pouca fortuna. Um homem

Joan Bennett, Dorothy Azner e Josephine Dunn, da "Paramount".

edoso e de bom parecer deverá ser ouvido.

N. 355 — JACY DE CASTELLA (Bahia) — Tenha a bondade de ler o que disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e faça tambem o que alli recommendo.

N. 356 — ANTONIO ZONITO (*S. Carlos*) — Queira ler tambem o que disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e observe as instrucções que dou ao mesmo.

N. 357 — MARIO (*Leopoldina* — Minas) — As cartas lhe prenunciam um futuro feliz com dinheiros grandes e um acontecimento feliz e inesperado. Fará uma viagem em que terá ligeiro desgosto pela perda de dinheiros pequenos e prejuizos que isso lhe trará. Receberá em breve uma carta de pessoa amiga contando novidades que lhe causarão surpreza.

N. 358 — MLLE FIFI (*Meyer*) — Vejo desintelligencias de pouca duração com uma amiga por causa de um militar. Um homem de negocios e que a estima ficará doente fora de casa. Uma mulher de bom coração e que lhe presta serviços, se ausentará por pouco tempo. Em horas de comidas e bebidas receberá um mimo de amor com muito gosto nesta casa.

N. 359 — MME. MENDES (*Rio*) — Queira ler tambem o que disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e aguarde carta explicativa para o endereço que enviou.

N. 360 — DU IZA (*Rio*) — Devia ter escripto os valores das cartas no mappa que publicamos.

N. 361 — SWET ANA' (*Rio*) — Idem, idem, cahiu na mesma falta.

N. 362 — CARUARU' (*Angatuba*) — Vejo viagem de pequeno resultado ao principio, porém que lhe dará lucros no futuro. Tenha cuidado com um falso amigo que o pretende enganar. Haverá uma mudança para melhor na sua vida, notando-se no futuro dinheiros grandes e um acontecimento inesperado e feliz. Uma mulher que finge estimal-o o atrahiçoará certo dia, arrependendo-se depois.

N. 363 — HOMEM DE BRONZE (*Bahia*) — Queira ler o que disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e aguarde carta explicativa para o endereço que mandou.

N. 364 — JOÃO GILBERT (*Bello Horizonte*) — Tenha a bondade de ler o que disse antes ao consulente J. L. S. de Petropolis e proceda como alli recommendo ao mesmo.

Myrza Yasnowitch

Romance de Veneza

(Continuação do numero anterior)

O triumpho de Pierre de Mirande proporcionou-lhe a ascenção ao cargo de gerente geral da grande fabrica de Billings e a admiração de todos menos Barbara.

Esta, por extranho que pareça, já não vê mais no joven francez, senão um prosaico homem de negocios, despido completamente d'aquelle ar maneiroso e romantico que tanto o caracterisava no tempo da sua vida de cicerone em Veneza.

Por sua vez, Ronnie, que não se tem descuidado de pôr em pratica conselhos ácerca da arte de amar, recebidos do proprio Pierre, quando ambos se julgavam amigos, não perde occasião para assediar o coração de Barbara. Agora, elle não se apresenta como simples rapaz mais ageitado aos affazeres commerciaes; agora elle sabe como encantar, seduzir e fazer-se impôr, sem mais cogitações que só digam respeito a commercio e industria, transações bancarias e cousas taes.

E d'esta constante persuasão, consegue tirar seus proveitos: Barbara resolve casar-se com elle e assim se manifesta ao pai, que se enfurece, e a Pierre, que se lamenta perdidamente.

Temendo que o millionario possa impôr seus direitos paternaes nos limites que lhe são tão communs, Ronnie e Barbara resolvem frustar a todos e a tudo, planejando nada menos que uma fuga numa lancha-motor na noite de certo dia em que as cousas se mostravam muito tensas no lar dos Billings. Emquanto isto, Pierre, desconsolado, vendo-se alienar da sua ultima esperança, retira-se ao seu quarto da pensão afim de se preparar para uma viagem de repouso, em paragens onde possa olvidar tanta desdita.

Porem Jennie, uma orphã, que serve como creada na casas interessa-se por seus preparativo, e arrisca uma pergunta:

— Vai se demorar muito, Sr. Mirande?

— Não sei. Por que? Estás triste por me ver ir embora?

— Sim... Bem gostaria que me levasse tambem... que me raptasse como se faz com essas princezas dos romances...

— Qual, Jenie! Se fosses uma princeza não admittirias tamanha ousadia de minha parte.

— Mas estou certa de que havia de me raptar... mesmo que não o quizesse, Sr. Mirande. E como haviamos de ser felizes!

— E's encantadora, Jennie! E confesso que nunca seria capaz de descobrir teus encantos se não te decidisses a confessal-os assim com tanta simplicidade, responde-lhes Pierre, dando-lhe um beijo na fronte.

E sahe alegre e jovial.

Acercava-se a hora da fuga. Barbara, ansiosamente, aguardava na sombra da noite a presença de Ronnie, para a grande aventura. E quando menos suspeitava, eis que um manto lhe cahe sobre a cabeça e braços vigorosos lhe dominam os movimentos. Ella se sente carregada apressadamente e por mais que brade, seus gritos não conseguem ser ouvidos pelo galante raptor, que se mostra decidido em seus intentos. Barbara, afinal, não contava com romantismo tão realistico da parte de Ronnie. Quando chegaram ás margens, prestes a embarcar na lancha, ella consegue desvencilhar-se de seu raptor e recúa cheia de espanto.

— Esta foi uma tactica que me esqueci de explicar a Ronnie quando lhe ensinei as regras de amar — diz Pierre, prazenteiramente, pois elle e não Ronnie fôra quem se atrevera a raptar a filha do velho Billings. E sem hesitar, foi concluindo:

— Vamos a Cleveland, em viagem de nupcias. Tenho que tratar uns negocios.

— Mas será possivel que não se esqueça dos negocios nem mesmo numa viagem de nupcias, indaga Barbara, surpreza e encantada ao se vêr em poder do homem que, a despeito de tudo, era seu unico amor.

— Ora essa! O amor é um negocio como outro qualquer... e eu agora sou um completo homem de negocios... de amor, responde Pierre calmamente.

E já então a bordo da lancha, á claridade suave de um luar romantico, ao marulhar de aguas tranquillas, Pierre de Mirande — o homem de negocios, tornava a ser o romantico *Monsieur de Mirande*, o affavel cicerone, que Barbara conhecera em Veneza...

"BARNACLE BILL THE SAILOR"

("Você é alfaiate?")

Do film da "Universal" — "Saias á prôa".

(Especial para "A Scena Muda".)

Moderato

f

Andante

Maiden: Who's that knock - ing at my door? Who's that knock - ing at my door
young and handsome sir Are you young and handsome sir

p

door? Who's that knock - ing at my door cried the fair young maid-en *Bill:* It's
sir Are you young and handsome sir cried the fair young maid-en I'm

Moderato

on - ly me from o - ver the sea said Bar - na - cle Bill the
old and rough and dirt - y and tough said Bar - na - cle Bill the

p

Who's that knocking at my door?
Who's that knocking at my door?
Who's that knocking at my door
cried the fair young waiden
Its only me from over the sea
said Barnacle Bill the sailors.

I'm all lit up like a chistmas tree
said Barnacle Bill the sailors.
I'll sail the sea until I croak
I fight and swear and drink and smoke.
But I can't swin a bloody stroke
said Barnacle Bill the sailors.
Are you sailors?

sail - or I'm all lit up like a Christ - mas tree said
sail - or I nev - er can get drunk e - nough said

Bar - na - cle Bill the sail - or I'll sail the sea un -
Bar - na - cle Bill the sail - or I drink my whis - ky

til I croak I fight and swear and drink and smoke But I can't swim a
when I can Whis - key from an old tin can For whis - key is the

blood-y stroke said Bar-na-cle Bill the sail - or. Are you sail - or.
life of man said Bar-na-cle Bill the sail - or. sail - or.

Last Ending

Who's that young and handsome sir.
Are you young and handsome sir ?

Are you young and handsome sir.
cried the fair young maiden.
I'm old and rough
and dirty and tough.

said Barnacle Bill the sailor.
I never can get drunk enough.
said Barnacle Bill the sailor.
I drink my whisky when I can
Whiskey from old tin can
For whiskey is the life of man.
said Barnacle Bill the sailor.
sailor.

EU SEI TUDO

A MAIS LUXUOSA, A MAIS MINUCIOSA E A MAIS PERFEITA

Revista das Revistas na America do Sul

Acompanhando attentamente todas as publicações do paiz e do estrangeiro, dá conta de todas as novidades em Sciencias, Artes, Mecanica, Theatro, Cinematographo, Sports, :: :: :: Philatelia, Viagens etc. :: :: ::

PUBLICA EM TODOS OS NUMEROS:

Tres romances, uma Comedia, Contos, Chromos, Anecdotas, Grammatica Litteraria, Paginas de Arte, Informações e conselhos :: :: sobre Economia Domestica etc. :: ::

:-: :-: LER :-: :-:

"EU SEI TUDO"

E' TER MENSALMENTE UM RESUMO DAS MELHORES

REVISTAS DO MUNDO